



1290003462



11

100/UNICAMP 02790

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia

Trabalho de Conclusão de Curso

UNICAMP

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Eliete Antunes Barbosa de Castro

Contexto sócio-cultural e o fracasso escolar

Campinas – SP
Dezembro de 2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

BRUNO

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	C279c
V.....	
TOR.....	3462
PRCC.....	129/08
C.....	X
PREC.....	11,00
DATA.....	01/03/08
	426930

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C279c Castro, Eliete Antunes Barbosa de
Contexto sociocultural e o fracasso escolar / Eliete Antunes Barbosa de
Castro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Elisa Angotti Kossovitch.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Condições sociais. 2. Fracasso escolar. 3. Preconceitos. I. Kossovitch,
Elisa Angotti. II. Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-662-BFE

A árvore que não dá frutos
É xingada de estéril. Quem
Examina o solo?

O galho que quebra
É xingado de podre, mas
Não havia neve sobre ele?

Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento,
Ninguém diz violentas
As margens que o cerceiam.

Bertold Brecht

Eliete Antunes Barbosa de Castro

Contexto sócio-cultural e o fracasso escolar

Trabalho apresentado como
exigência da disciplina EP 809-
Trabalho de Conclusão de Curso
II – TCC II, do curso de Pedagogia
da Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação da Profª Drª
Elisa Angotti Kossovitch

Agradecimentos

À Deus;

Aos meus pais Maria de Lourdes e Aparecido, especialmente à minha mãe que sempre acreditou em mim, apoiou e ajudou nos momentos mais difíceis desta graduação;

Aos meus irmãos Elisângela e Elton que acompanharam todos os momentos e torceram pelo meu sucesso;

Às minhas amigas da turma de Pedagogia, Ci, Naty, Bru, e Márcia, pelo companheirismo e convivência todos esses anos;

Ao Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), que possibilitou à realização deste sonho;

À todos os professores e funcionários da Faculdade de Educação que contribuíram para minha formação;

À todos os profissionais da escola estudada nesta pesquisa que permitiram a efetivação deste trabalho;

À Profª. Drª. Elisa Angotti Kossovitch, pela orientação e crédito que deu ao projeto de pesquisa, tornando-o possível;

Orientador: Elisa Angotti Kossovitch

2º leitor (a): Aparecida Neri de Souza

Sumário

1. Resumo.....	4
2. Introdução: A percepção de um problema.....	5
3. Capítulo 1: Raízes do fracasso escolar.....	8
4. Capítulo 2: A escola e seu contexto.....	15
5. Capítulo 3: A produção do fracasso no cotidiano escolar...21	
6. Considerações finais.....	41
7. Bibliografia.....	43
8. Anexos.....	45

CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL E O FRACASSO ESCOLAR

Eliete Antunes Barbosa de Castro
Elisa Angotti Kossovitch

Resumo

O presente estudo tem como tema a questão do fracasso escolar e sua relação com o contexto sócio-cultural específico, no caso, a escola de ensino fundamental EMEF “Jardim Nova América” e o presídio implantado nas proximidades da instituição.

O tema surge a partir de minha experiência como professora iniciante no município de Hortolândia no ano de 2005, prosseguindo-a em 2006, na qual questões como “em que medida essa realidade do bairro, na qual a escola está inserida, que convive com a presença de um complexo penitenciário, interfere (ou não) no processo escolar, produzindo a estigmatização dos alunos e enfim, a reprovação?”, configurou uma problematização precursora desta monografia.

Utilizou-se a investigação qualitativa, como metodologia de pesquisa, sendo que se realizou um estudo do histórico do surgimento do fracasso escolar a partir da literatura disponível, como também a análise de documentos da instituição (Proposta Pedagógica e Plano de Gestão), além das entrevistas com os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo como fundamentação teórica o conceito sociológico de vida cotidiana de Agnes Heller, concluo através da análise dos dados apresentados que não há relação entre o presídio e a situação de fracasso de determinados alunos. Tal fato constitui preconceito existente na vida cotidiana, não correspondendo às verdadeiras causas do fracasso.

Sendo necessário que nos libertemos dos nossos preconceitos para a efetivação da inclusão do aluno de classe popular na instituição escolar e não o contrário, a sua exclusão como se evidencia na realidade educacional brasileira.

Palavras-Chave: 1-Condição social; 2-Fracasso escolar; 3-Preconceito;

Introdução:

A PERCEPÇÃO DE UM PROBLEMA...

A análise do sistema educacional brasileiro atual revela altos índices de evasão e reprovação escolar, fatos esses que culminam na exclusão precoce do aluno do processo de ensino-aprendizagem. Sendo esta situação comum às décadas anteriores, várias medidas foram tomadas com o intuito de reverter essa realidade permanente, como é o caso da realização de reformas educacionais, adoção de novos métodos de ensino, produção de pesquisas, além das constantes promessas dos políticos de investir e priorizar a educação pública.

Entretanto o que se percebe é a manutenção desse quadro dramático, sendo que apesar de, atualmente, a maioria da população do país ter acesso aos bancos escolares, essa é eliminada da escola, logo no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, especificamente na passagem da segunda para terceira série por meio da reprovação ou da evasão, fase pela qual o aluno é excluído totalmente do processo de escolarização, já que se sabe a perpetuação da situação de fracasso.

Diante da percepção desse problema, pretendo analisá-lo através de um estudo de caso específico de uma escola da rede municipal de Hortolândia, cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Nesta, os índices de reprovação no ensino público são de 7,71% e a taxa de evasão de 1,68%, sendo que nas escolas municipais há uma taxa de 2,5 de distorção idade-série na primeira série, o que indica que a maioria dos alunos tem acesso à matrícula na idade prevista. Ocorre a elevação das taxas de distorção para 11% na segunda e terceira, e para 18% na quarta série, o que evidencia o efeito da retenção ao final do segundo ciclo.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender esse processo, inicialmente através do conhecimento da literatura disponível acerca do tema específico, já que o mesmo não é efetivo apenas no caso citado, mas constitui-se um problema no país em sua totalidade. Sendo que posteriormente se fará a análise da escola, E.M.E.F. “Jardim Nova América”, localizada na cidade de Hortolândia.

A escolha dessa escola justifica-se, em geral, devido a dois motivos, primeiro porque a mesma, constitui o lugar onde iniciei minha experiência como professora no ano de 2005 prosseguindo-a em 2006. Encontrando-me recém-formada do curso de Magistério (2003), deparei-me com inúmeras questões, preocupações e anseios, dentre eles o nível elevado de dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, as

faltas excessivas, a existência de um índice de distorção idade-série elevado (leccionei nesses dois anos em turmas de quarta-série), consistindo esta, enfim, como uma realidade concreta de fracasso escolar.

O outro motivo da escolha do local da realização da pesquisa definiu-se a partir da localização da escola. Esta se situa no bairro Jardim Novo Ângulo, nas proximidades do bairro Jardim Nova América, sendo que a maioria dos alunos é proveniente deste último, além disso, em tal bairro, foi implantado o Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia. Assim, conhecer a relação do presídio com a instituição escolar, caso exista, e especificamente no processo de aprendizagem, constitui fator fundamental na problemática desse estudo.

Adota-se a pesquisa qualitativa, como instrumento pertinente à efetivação do presente trabalho de conclusão de curso, visto que, o espaço educativo encontra-se em constante mutabilidade, sendo necessário conhecer o desenvolvimento desse processo na vida cotidiana.

Utilizou-se como método de coleta de dados, entrevistas com os sujeitos envolvidos (professores, diretora, coordenadora pedagógica, família, alunos), sendo semi-estruturadas e abertas, na qual privilegiou-se também a voz da criança, já que constitui elemento principal nesse processo de exclusão produzido pela escola todos os anos no Brasil.

Dessa forma o enquadramento teórico relaciona-se aos estudos de Agnes Heller sobre as relações na vida cotidiana. Sendo esta a vida do homem em sua forma mais pragmática, configurando-se como espaço de circulação de idéias, valores e até mesmo preconceitos, torna-se primordial a compreensão dessa categoria sociológica na análise dos discursos que permeiam a instituição escolar.

O primeiro capítulo intitulado Raízes do fracasso escolar, constitui um breve histórico do surgimento da instituição escolar e, por conseguinte do fracasso de determinados alunos, já que segundo MALAVASI, *“não é toda a população escolar que fracassa, mas especialmente aquela oriunda das camadas populares”*.

O capítulo seguinte A escola e seu contexto..., tem como objetivo situar o leitor no que se refere ao cenário do caso estudado, explicitando as especificidades da cidade de Hortolândia e principalmente da instituição analisada.

No terceiro capítulo A produção do fracasso no cotidiano escolar, faz-se uma análise das entrevistas concedidas, como também dos documentos oficiais inerentes à escola, como o Plano de Gestão e Proposta Pedagógica e sua efetivação na prática.

Enfim, concludo a monografia explicitando algumas considerações evidenciadas através desta pesquisa de conclusão de curso em É preciso que nos libertemos de nossos preconceitos, visto que a existência de atitudes preconceituosas e discriminatórias corresponde a elementos presentes na relação cotidiana nas quais culminam na legitimação da exclusão do aluno de origem popular.

CAPÍTULO 1

RAÍZES DO FRACASSO ESCOLAR

A análise de pesquisas realizadas sobre o fracasso escolar, permite evidenciar determinadas crenças, valores, estereótipos e até mesmo preconceitos que permeiam o cotidiano desta instituição. Dessa forma, as crianças das camadas empobrecidas da sociedade, que em geral são aquelas que fracassam, são caracterizadas como predispostas ao insucesso, já que “a criança mal sucedida não se interessa pela aprendizagem” ou “o multirrepetente é apático e ou agressivo”, “a criança de classe mais baixa, aprende num ritmo mais lento”, dentre muitas outras características do discurso escolar para a exclusão do aluno.

Essas idéias cristalizadas na instituição escolar são resultado de uma história que remonta à origem do processo de escolarização, instituído nos países europeus, no século XIX, assim como sugere PATTO, *“nesse retorno, é inevitável o encontro com o advento das sociedades industriais capitalistas, dos sistemas nacionais de ensino e das ciências humanas, especialmente da psicologia. Esse contorno, por sua vez, permite captar a essência do modo de produção capitalista e das idéias produzidas em seu âmbito, condição necessária para que se faça a crítica dessas idéias.”* (p.10)

O século XIX inaugura um modelo econômico e político que culmina na modificação das antigas relações feudais de produção, na qual *“se a ordem feudal ainda estava socialmente muito viva nesta passagem do século, ela se mostrava cada vez mais ultrapassada e improdutiva em termos econômicos; tecnicamente, a agricultura europeia era, com raras exceções, tradicional e ineficiente, colocando obstáculos às novas exigências de produção agrícola, o que tornava o mundo agrícola especialmente lento e inviável a uma massa crescente de camponeses.*

O oposto ocorria simultaneamente no mundo comercial e industrial manufatureiro; seu desenvolvimento, proporcionado pela rede cada vez mais complexa das relações comerciais tecida pela ampliação da exploração colonial e pelo crescimento em volume e da capacidade do sistema de vias comerciais marítimas, foi acompanhado por intensa atividade intelectual e tecnológica.” (PATTO, 1.996, p. 2)

A revolução francesa representa, assim, a luta em defesa dos interesses da burguesia que reage ao antigo sistema de privilégios da nobreza. Aliando-se à grande massa proletária, insatisfeita e em estado de absoluta miséria, ocorre então em consonância aos ideais de

“igualdade, liberdade e fraternidade” que a motivam, a declaração dos direitos do homem e do cidadão, entre eles o da propriedade privada.

Evidencia-se a consolidação do modo capitalista de produção, por meio da exploração do trabalho operário e sua alienação, visto que no capitalismo industrial, o trabalhador expropriado dos meios de produção, vende sua força de trabalho num sistema em que esse se divide em etapas, e conseqüentemente o operário, não tendo o conhecimento de todo o processo, especializa-se em apenas um segmento da produção. Essa exploração da classe trabalhadora é concomitante ao aumento das riquezas da burguesia, já que esta é detentora dos meios de produção. Assim, justificar a existência dessa desigualdade, será função das ciências humanas surgidas nesse período.

O ideal iluminista, defendendo interesses dessa classe que se constitui como dominante, aponta a crença na racionalidade e controle sobre a natureza para possibilitar o progresso da humanidade. Sendo que o liberalismo configura-se como a ideologia burguesa disseminada nesse período, interferindo na forma de pensar até à atualidade, sendo que um de seus princípios básicos corresponde ao esforço pessoal na conquista do sucesso, já que teoricamente há para todos a igualdade de oportunidades.

Dessa forma, até meados do século XIX, a população mundial encontrava-se em sua totalidade analfabeta, visto que a especialização do trabalhador, quando necessária, ocorria no trabalho ou de outras formas que não aquela realizada em bancos escolares. Assim *“neste período, a escola também não é necessária enquanto instituição destinada a fixar um determinado modo de sociabilidade, sua dimensão reprodutora das relações de produção, via manipulação e domesticação da consciência do explorado, também era dispensável num momento em que este ainda não se constituía como força de oposição ao estado de coisas vigente e enquanto as instituições religiosas davam conta do papel justificador das desigualdades existentes”*. (PATTO, p. 24)

Entretanto, a partir de 1848, a escola passa a ser valorizada pelas classes sociais em questão a partir da idéia de promover a ascensão social, tanto que a implementação de uma política educacional como “ação sistemática e permanente do Estado, dirigida à orientação, supervisão e provisão do sistema educativo escolar”, datam desse século.

Inicialmente, incumbida de consolidar os estados nacionalistas por meio da alfabetização, a mesma torna-se recurso fundamental na disseminação da unidade nacional, sendo privilegiada uma só língua, costume e idéia de nacionalidade.

Essa visão permanece até à 1ª guerra mundial, sendo que as conseqüências desastrosas desta, deslegitimam o caráter redentor da escola na sociedade, abrindo espaço para a crítica ao

modelo tradicional de ensino, comum nessa instituição, em que o mesmo é culpabilizado pelas tragédias que ocorriam na sociedade. Esse fato culmina no surgimento do movimento da Escola Nova e a defesa de outra maneira de ensino.

Há, contudo, o desenvolvimento nesse mesmo período da Psicologia Científica, na qual se buscam explicações para as diferenças individuais propiciando terreno fértil à divulgação de teorias racistas, bem conhecidas e presentes no discurso educacional sobre o que se refere ao fracasso escolar.

Às teorias racistas, caberá justificar, dessa forma as desigualdades sociais, inerentes ao sistema capitalista, baseando-se nas diferenças raciais, pessoais ou culturais entre os indivíduos. Sendo que estereótipos, como os que atribuem inferioridade à pobreza e o racismo, obtêm respaldo científico, como é o caso da teoria antropológica de Cabanis, médico e filósofo francês, considerado o mais influente defensor dessa idéia, na qual afirma-se as desigualdades das raças, baseando-se em teses sobre a relação entre clima e temperamento, além da crença na herança de caracteres adquiridos. Tais teorias apresentam maior aceitação com a publicação da Origem das espécies, em 1859, por Charles Darwim, sendo que no século XIX e XX, esse modo de pensar circula a todo vapor.

Dessa forma, a psicologia, propõe-se a compreender a aptidão individual, considerando os sujeitos com dificuldades de aprendizagem, com pouca inteligência, força moral e herança racial. Portanto, tais indivíduos estão fadados ao insucesso, dada a inferioridade da raça e pouca capacidade da mesma, naturalizando, assim, algo determinado e construído socialmente, ocorrendo uma total distorção e falseamento da realidade concreta.

A psicologia atua de forma convergente ao pensamento liberal em voga, justificando os problemas existentes na instituição escolar, como diferença de rendimento e acesso desigual aos graus mais avançados da vida acadêmica, sendo que em geral tal ciência dissemina a idéia de que os mais ricos possuem maior possibilidade de aprendizagem. No entanto, duas vertentes se incumbirão de explicar o baixo rendimento escolar, sendo que inicialmente as ciências biológicas associadas à medicina do século XIX, pautadas numa visão organicista das aptidões humanas, designam de anormais escolares, às crianças com insucesso escolar. Sendo que as causas para o fracasso serão procuradas no próprio indivíduo.

Assim, o uso de instrumentos de avaliação das aptidões, serão largamente utilizados como procedimentos da psicologia para explicar as diferenças de rendimento, identificando dessa forma super e subdotados, sendo que os mesmos deveriam receber educação diferenciada.

A psicologia aliada ao pensamento da pedagogia configura a segunda vertente na justificativa do fracasso escolar, ressaltando a importância do meio no qual o sujeito está inserido, bem como a dimensão emocional, como responsáveis pelos desvios comportamentais que definem, como “criança-problema”, aquela com baixo desempenho escolar. Dessa forma o contexto familiar, obtém destaque nesse novo modo de compreender o fracasso, responsável pelos desajustes infantis, em concomitância eleva-se a existência de clínicas de orientação para correção dessa não adaptação. A partir da disseminação dessas clínicas, torna-se comum a prática da rotulação das crianças “desajustadas” submetidas a diagnósticos médicos, no caso as crianças de classes menos favorecidas.

Verifica-se nesse momento, década de 60, a circulação de outra forma de pensar, na qual afirma-se a idéia da existência de culturas inferiores e superiores, famílias patológicas e ambientes atrasados que culminam na formação de crianças-problema, sendo que explicações baseadas na razão ou hereditariedade diminuem.

Em consonância a essa teoria, as pesquisas mostram que a relação entre escolaridade e nível social é positiva, de cunho meritocrático e liberalista apóiam-se no esforço individual, demonstrando assim preconceitos aos alunos de classe pobre, que no caso seriam menos inteligentes em comparação com os ricos, estando, portanto, aí a causa do fracasso.

Em geral essas são as idéias presentes no mundo europeu, após a consolidação dos sistemas de ensino e percepção da existência de diferentes rendimentos entre os alunos. Esse modo de pensar integra o caso brasileiro, fazendo-se presente na atualidade.

No Brasil, durante a primeira república, período pelo qual alternam-se no poder a aristocracia rural mineira e paulista, há uma mudança na forma de pensar a educação, havendo maior circulação dessas idéias, principalmente do liberalismo burguês, em que a diferença entre raças e rendimento escolar baseia-se na aptidão natural, tendo em vista que eliminado o trabalho escravo, existem agora, teoricamente, oportunidades iguais para os sujeitos sociais.

Assim a psicologia das diferenças individuais mostrar-se-á presente, preocupando-se em avaliar as diferenças individuais, defendendo uma escola que leve em consideração essa diversidade. No entanto essa ideologia liberalista não possuía qualquer correspondência à realidade social, visto que nesse momento, a maioria da população encontrava-se analfabeta, cerca de 90%, sendo, portanto, o letramento, privilégio de poucos abastados, não havendo interesse de realmente implementar as idéias liberais, apesar dessas mostrarem-se presentes na constituição de 1891. Tanto que a república é caracterizada como autoritária e, atendendo a interesses de poucos, configura-se assim, totalmente distante desses princípios. Por

consequente, observa-se nesse período, um pequeno aumento da rede pública, permanecendo, ainda, 75% da população analfabeta.

Com a adoção do sistema industrial, em detrimento do modelo agrário-exportador, ocorre então o descontentamento com a antiga política, sendo que eclodem movimentos nacionalistas, com a inserção do proletário até a alta burguesia. Constituindo o movimento escolanovista um dos elementos reivindicatórios, colaborando para aumento da rede pública, no entanto, ainda marcada pelas antigas idéias.

A escola nova defende assim os fatores intra-escolares como produtores do fracasso, por exemplo, os métodos de ensino, voltando assim para a questão pedagógica, no entanto como a psicologia, adepta do pensamento liberal e promoção dos mais capazes. Assim, o pensamento do movimento da escola nova influenciada por esta, em sua análise de todo o processo pedagógico e sua relação com o desenvolvimento infantil, através da adoção dos instrumentos psicométricos.

Assim o que constituía algo inerente aos médicos, no caso o diagnóstico e rotulação de crianças com dificuldades de aprendizagem, configura também, a partir de 1930, algo comum à psicologia que funciona como tratamento de desvios.

As teorias racistas, também integrarão, como o fizeram nos países europeus, as explicações para as diferenças sociais e, por conseguinte, do mau rendimento dos escolares. Percebe-se desde o início da colonização em nosso país, o preconceito e superioridade com a qual o dito homem branco civilizado referia-se ao novo povo conquistado. Sendo que as teorias a respeito da inferioridade da raça não-branca apóiam-se na ciência do século XIX, na qual pensadores como Silvio Romero e Nina Rodriguez aliando educação e pensamento racista, contribuem para a consolidação de uma “visão negativa do homem dos trópicos”, permanecendo até o século XX e também na atualidade.

É necessário ressaltar também, nesse ponto, a divulgação de idéias preconceituosas em relação ao trabalhador rural, veiculadas por Monteiro Lobato, com repercussão em todo o país, principalmente através da obra Jeca-Tatu, na qual realiza crítica ao caboclo, seus costumes, trabalho, além de referir-se ao mesmo, como portador de doenças parasitárias, como a verminose e amarelão. Tal fato justifica uma política social de saneamento, ideologia comum na fase republicana brasileira.

Transformando-se em mito, Jeca-Tatu, personaliza o verdadeiro estereótipo do homem do campo, o caipira, visto que o Brasil, nesse momento desenvolvia-se a vida urbana e industrial, o que favoreceu, no caso das justificativas escolares, “*esta representação social do homem do campo transparece não só na crença generalizada e duradoura na indiferença ou*

aversão das populações rurais pela escola como também na crença dominante, durante longo período, de que a verminose seria a principal causa do fracasso escolar das crianças das classes populares”. (PATTO, p. 76)

Gilberto Freire e sua obra Casa grande e senzala, apresentam uma mudança no discurso, definindo a cultura e não a raça como elemento representativo na explicação das diferenças entre grupos étnicos, apesar de veicular a noção de aptidão natural como critério na conquista da ascensão social.

Porém, mudanças significativas são evidenciadas a partir das produções de Caio Prado Jr, em Formação do Brasil contemporâneo, em que interpreta a situação brasileira através do “sentido da colonização”, não se baseando em fatores como raça, clima ou escravidão, como comumente era feito no campo das idéias. Dessa forma, na década de 50, a situação do negro é resultado do próprio sistema de exploração e exclusão inerente ao sistema capitalista e não a aptidões naturais.

Em geral essas idéias que circulam no país em momento anterior à adoção de uma política educacional efetiva, com destaque para as teorias racistas, biológicas e hereditárias, como também ambientais, são culpabilizadoras do indivíduo como produtor do fracasso escolar, correspondendo este a problemas extra-sala de aula.

Essa maneira ideológica de pensar, também é reforçada nas pesquisas existentes, nas quais o aluno em geral é situado como produtor do próprio fracasso e nunca a organização escolar e seu processo pedagógico.

Dessa forma a questão educacional no país revela-se sempre um grande problema que ainda permanece sem solução, sendo que autores em momentos diferentes e distantes (Cardoso em 1949 e Ribeiro em 1984), utilizam-se da expressão “calamidade” para caracterizar a situação do ensino brasileiro.

Entretanto, as teorias crítico-reprodutivistas, desenvolvidas na década de 70 por Bourdieu e Passeron, fornecem instrumentos de análise da instituição escolar num âmbito crítico, ao concebê-la como espaço de dominação e reprodução desigual da sociedade. Enfim, tais idéias quando relacionadas à explicação do fracasso escolar, apresentaram-se distorcidas, sendo associadas à teoria da carência cultural, sem, no entanto deixar de promover mudanças no pensamento educacional, ao valorizar a relação professor-aluno no processo de ensino – aprendizagem, crítica ao preconceito e compreensão do sistema escolar, não a partir de uma neutralidade aparente, mas como instituição condicionada socialmente.

Verifica-se assim, na década de 70 que as pesquisas realizadas sobre tal tema, preocupam-se na determinação de fatores inerentes ao sistema escolar como responsáveis pelo

insucesso escolar, sendo que em 1977, há uma mudança significativa, pois há um rompimento com o modelo liberal, até então, muito presente no pensamento educacional, contrapondo-se também à teoria da reprodução, que ao associar a escola, à função reprodutora das relações sociais também significou empecilho no que se relaciona ao seu caráter de agência potencializadora de transformação da estrutura capitalista.

As pesquisas recentes sobre a situação do ensino público no país, apresentam explicações em geral que situam nos alunos as causas do fracasso, especificamente na condição de vida (pobreza) em que se encontram, “revelando sinais de forte adesão a estereótipos e preconceitos sociais”, como menciona PATTO.

Dessa forma, *“no período de quase um século, portanto mudam as palavras, permanece uma explicação: as crianças pobres não conseguem aprender na escola por conta de suas deficiências sejam elas de natureza biológica, psíquica ou cultural”*. (PATTO, P. 123)

Outro discurso presente em tais pesquisas refere-se à atitude errônea do docente que se mostra distante do contexto sócio-cultural do aluno, desconhecendo-o, atuando então, a partir de uma visão idealizada, que não existe na realidade educacional brasileira.

CAPÍTULO 2:

A ESCOLA E SEU CONTEXTO.

O município*

O município de Hortolândia tem sua história ligada ao povoado de Jacuba, formado no final do século XVIII e início do século XIX. Este povoado fazia parte de Sumaré e destacava-se pela produção de café, algodão, açúcar, além de culturas de subsistência. Por volta de 1860 transforma-se no Bairro de Jacuba.

Em 1917, foi instalada na região uma estação ferroviária da Companhia Paulista consolidando assim a expansão dos núcleos de Sumaré e Hortolândia. Sumaré emancipou-se de Campinas, em 1954. Em 1958, o Bairro de Jacuba teve seu nome alterado para Hortolândia devido à existência de outra cidade com esse nome. Foi escolhido Hortolândia devido a sua proximidade com o Horto Florestal da antiga Ferrovia Paulista S/A - Fepasa.

A industrialização do município de Sumaré foi mais intensa no Bairro de Hortolândia e sua ocupação ocorreu ao longo dos eixos viários constituídos pela via férrea da Companhia Paulista e rodovias Campinas - Nova Odessa e Campinas - Monte-Mor. Hortolândia foi emancipada em 30 de dezembro de 1.991 e sua administração foi implementada em 1993.

Hortolândia possui uma área total de 62 Km² correspondendo a uma das menores extensões territoriais dentro da Região Metropolitana de Campinas. Apresenta relevo homogêneo e está inserida na área denominada Zona de Depressão Periférica Paulista. As características do solo variam de "latossolos vermelhos e amarelos", próprios para culturas mecanizáveis; a solos prodzolizados arenosos, próprios às pastagens e culturas ocasionais. O principal rio que corta o município é o Ribeirão Jacuba. A captação de água é realizada no rio Jaguari, no município de Paulínia - São Paulo.

Hortolândia apresentou elevado crescimento demográfico desde quando era distrito de Sumaré. Em 1.991, data da emancipação, apresentava 85.859 habitantes. Devido à sua proximidade de Campinas e do aeroporto de Viracopos, sua localização às

*Fonte: Plano Municipal de Educação de Hortolândia-Anteprojeto

margens de importantes rodovias, bem como ao baixo custo de suas terras, recebeu grande contingente populacional, caracterizando-se assim como uma cidade dormitório, forma pela qual é amplamente conhecida.

O município encontra-se urbanizado, apresentando uma população de 239.466 habitantes e uma densidade demográfica de 2.460 habitantes por Km².

Hortolândia abrigou principalmente uma população de baixa renda, oriunda do Paraná, norte de São Paulo e estados do nordeste do Brasil, atraídos pelos empregos criados durante o processo de industrialização da região. A maioria deste contingente populacional tem renda salarial mensal de 2 a 5 salários mínimos, sendo que há uma progressão salarial de acordo com os anos de escolarização.

O tamanho médio, em número de pessoas, dos domicílios de Hortolândia, gira em torno de 4 pessoas.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), o município classifica-se em 246º lugar em relação ao Estado e 807ª em relação ao país, apresentando uma renda per capita de R\$ 259, 10.

No Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), Hortolândia enquadra-se no grupo composto pelos municípios que, embora com níveis elevados de riqueza, não exibem bons níveis de indicadores sociais.

Na dimensão riqueza, o município ocupa posição 136ª em relação ao Estado, sendo que para tal são considerados o consumo anual de energia elétrica por ligações nos setores do comércio, agricultura e serviços, bem como o consumo de energia elétrica por ligação residencial, além do rendimento médio no emprego formal e valor per capita.

Em relação à longevidade, Hortolândia ocupa a posição 275ª no ranking municipal do Estado, sendo considerados os seguintes fatores: taxa de mortalidade infantil, taxa de mortalidade perinatal, taxa de mortalidade das pessoas de 15 a 39 anos e taxa de mortalidade das pessoas com 60 anos e mais.

Já no que concerne à escolaridade a posição do município é 598º no ranking estadual, sendo que são fatores determinantes para este a proporção de pessoas de 15 a 17 anos que concluíram o ensino fundamental (59,9%), o percentual de pessoas de 15 a 17 anos com pelo menos 4 anos de estudo (89,3%), a proporção de pessoas com 18 a 19 anos com ensino médio completo (25%) e a taxa de atendimento na pré-escola entre as crianças de 5 a 6 anos (66,2%).

A cidade apresenta considerável condição de abastecimento de água (97,5%) e coleta de lixo (99,4%), no entanto, no que se refere ao tratamento do esgoto, apenas 1,9% dos domicílios possui rede de saneamento.

Quanto à saúde, os indicadores apontam para pouco atendimento público e altas taxas de mortalidade (algumas maiores que a do próprio Estado, principalmente no que se refere à mortalidade por homicídio e por agressões).

Em relação à habitação, não há políticas, programas ou ações implementadas, apesar da existência de um órgão específico para tal.

Quanto à segurança pública, prevalece a quantidade de guardas municipais, em detrimento das polícias civil e militar. Ainda há a ausência de núcleo ou delegacia de mulheres. Um aspecto relevante é a existência do Complexo Penitenciário Campinas – Hortolândia, que abriga aproximadamente 5 mil detentos.

No município existe, como opções de lazer e cultura, biblioteca pública, cinema e banda de música.

O único meio de comunicação municipal é o provedor de Internet, com ausência de estações de rádio e geradores de TV.

As atividades econômicas que prevalecem em Hortolândia são: comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos (50,6%) e atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas (17,7%). Há um baixo índice de estabelecimentos educacionais (1,2%), de saúde e serviços sociais (1%), administração pública, defesa e seguridade social (0,1%) e produção e distribuição de eletricidade, gás e água (0,1%).

Como Programas de geração de trabalho e renda, o município possui apenas incentivos para a atração de atividades econômicas e benefícios tributários relativos ao IPTU e ISS. Não possui programas de fornecimento de infra-estrutura, programas de geração de trabalho e renda e ação de capacitação profissional.

Em relação à Educação, não há uma atuação do estado na área da Educação Infantil, sendo esta provida pelo município (ainda assim, o atendimento à criança de 0 a 4 anos não é suficiente frente à demanda da população).

As redes estadual e municipal equiparam-se no atendimento às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Contudo, apenas a estadual oferece o ensino de 5ª à 8ª séries.

A taxa de reprovação total do Ensino Fundamental público é de 7,71% e a taxa de evasão é de 1,68%.

O grupo etário que apresenta maior taxa de alfabetização é o de 10 a 24 anos, sendo que este indicador é inversamente proporcional ao aumento da idade. No entanto, o EJA (Educação de Jovens e Adultos), atende apenas a 10% dos alunos provenientes da 1ª à 4ª série e 8,8% dos alunos oriundos de 5ª à 8ª série.

A média de anos de estudos da população de 15 a 64 anos é de 6,62 anos. 66,12% da população de 25 anos ou mais possuem menos de 8 anos de estudo e 34,9% da população de 18 a 24 anos possuem o Ensino Médio completo.

Em Hortolândia, nas escolas municipais, há uma taxa de 2,5% de distorção idade-série na primeira série, o que indica que a grande maioria dos alunos tem acesso à matrícula na idade prevista. A elevação das taxas de distorção para 11% na segunda e na terceira série e para 18% na quarta série evidencia o efeito da retenção ao final do ciclo de dois anos.

Em relação à formação dos profissionais da educação municipal (Infantil e Fundamental) a maioria possui apenas nível médio, diferentemente dos professores do EJA, dos quais 90%, aproximadamente, possui formação superior.

A escola

A escola municipal de ensino fundamental “Jardim Nova América”, localizada no Jardim Novo Ângulo, no município de Hortolândia, constitui o estudo de caso desta monografia de conclusão de curso.

Considerada a 2ª maior escola da rede com oferta de ensino fundamental, possui 15 salas e 30 classes regulares, sendo que foi implantado no ano de 2.007 o ensino fundamental de 9 anos. Atende a aproximadamente 1.062 alunos no turno diurno (manhã e tarde).

O espaço escolar é amplo, possui pátio, palco para eventos musicais e teatrais, uma biblioteca, uma quadra, parque, quiosque, horta e anfiteatro.

Segundo os documentos oficiais da escola, no caso o Plano de Gestão e Proposta Pedagógica, os professores são todos concursados, possuem o curso de Magistério, sendo que alguns já concluíram o nível superior e outros estão concluindo, em geral, o curso de Pedagogia. Os professores também freqüentam os cursos de capacitação oferecidos pela Secretaria de Educação e Cultura.

O corpo discente compõe-se de crianças oriundas de famílias de baixa renda, sendo que muitos se mantêm através de sub-empregos ou programas sociais devido ao alto índice de desemprego.

Em relação ao corpo administrativo, acredita-se que este integra o processo pedagógico devendo, portanto, obter conhecimento das atividades desenvolvidas na escola, servindo como “instrumento de relações entre escola e comunidade na qual está inserida”.

A escola possui como objetivo primordial o “ideal clássico de educação”, ou seja, à produção e transmissão de conhecimento, sendo que são priorizadas as seguintes diretrizes: metas pedagógicas, melhoria dos recursos físicos e materiais e melhoria do relacionamento interpessoal.

Em relação às metas pedagógicas a escola possui como principal objetivo a produção de conhecimento, oportunizando questionamentos e críticas para que assim haja possibilidade de enfrentamento dos desafios que os sujeitos vivenciam em seu meio social. Para a concretização dessa meta, prioriza-se o trabalho coletivo que envolva escola-família-comunidade, considerando a importância que o estudo apresenta à melhoria da qualidade de vida. Há também a preocupação com a qualidade de ensino oferecido, buscando atender às necessidades e anseios da comunidade, evitando evasão e reprovação escolar.

Quanto aos recursos físicos e materiais a escola possui “excelente acervo de jogos, livros paradidáticos e material de apoio pedagógico”, segundo documentos oficiais, adquiridos através da APM (Associação de Pais e Mestres), do FNDE e da Subvenção da Prefeitura Municipal de Hortolândia.

A escola tem também como objetivo integrar os funcionários, professores, alunos e comunidade, em favor da construção do conhecimento, respeitando a individualidade de cada sujeito envolvido no processo escolar. Para a concretização desse objetivo, desenvolvem-se, na escola, os seguintes projetos: Brinquedoteca, Xadrez, Teatro, Vida, Adolescer, Grupo de Apoio, além de atividades diversificadas.

O plano de trabalho das especialistas (diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica), visa contribuir para a efetiva aprendizagem dos alunos, criando situações estimuladoras para tal. Busca-se realizar um trabalho coletivo, fundamentado na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96, no Regimento Escolar, como também no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

A escola funciona como centro das atividades sócio-culturais e esportivas na região, sendo que há liberação para a utilização desse espaço por outras instituições como Igrejas e Grupos Organizados que necessitam desse espaço, evitando dessa forma a desmotivação dos alunos, como sugere o documento.

O plano de trabalho do coordenador pedagógico é formulado mediante a situação sócio-econômica das famílias dos alunos, no caso de baixa renda, sendo que os pais ficam fora o dia todo, não acompanhando a vida escolar dos filhos, sendo assim “em geral, estes apresentam dificuldades de aprendizagem”.

A equipe dispõe-se a trabalhar com essas famílias, buscando superar defasagens de ensino e proporcionar a melhoria do mesmo, evitando dessa maneira a evasão e a reprovação.

O trabalho pedagógico busca oferecer alternativas, sugestões, troca de experiências e orientação no planejamento das aulas, proporcionando um ambiente acolhedor, onde professores sintam-se seguros e respeitados em sua atividade profissional.

CAPÍTULO 3:

A PRODUÇÃO DO FRACASSO NO COTIDIANO ESCOLAR

O preconceito

Este capítulo tem como objetivo fundamental analisar as entrevistas concedidas pelos profissionais envolvidos no processo de aprendizagem do estudo de caso em questão, a escola municipal Jardim Nova América, como também verificar a opinião dos responsáveis pelos alunos e a destes, já que constituem sujeitos de extrema importância na vida cotidiana escolar, não podendo então ser desconsiderados nesta monografia.

Esta análise far-se-á de forma concomitante à verificação da proposta dos documentos oficiais da instituição “Plano de Gestão e Proposta Pedagógica” e, a sua relação com a prática e mais precisamente à maneira pela qual essas emergem no desenrolar da vida cotidiana, base teórica desta monografia.

Torna-se importante, nessa fase inicial explicitar o pensamento de Agnes Heller, no caso, a categoria sociológica de vida cotidiana:

“A vida cotidiana é a vida de todo homem... o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determinam também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se , nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda a sua intensidade.”
(HELLER, 2000 , p.17)

A vida cotidiana configura-se assim como caracterizada pela espontaneidade, pelo pragmatismo, pelas particularidades, com as paixões, idéias, capacidade, habilidades, dentre outras, como também pelas generalizações e juízos provisórios. Tal juízo provisório “*antecipa à atividade possível e independe do confronto com a realidade, nem sempre é confirmado, sendo que muitas vezes é refutado no infinito processo da prática*”.(MOYSÉS e COLLARES, 1996, p. 24-25)

Dessa forma, ao nascer, o homem é inserido nesse processo da vida cotidiana, adquire habilidades que lhe possibilitam manipular os elementos necessários à sua vida que esta inserida nesta cotidianidade. Tal inserção é possibilitada por meio cultura e aprendizagem proporcionada pelos grupos sociais presentes nesta.

A vida cotidiana pode ser conceituada como a própria vida do indivíduo. Sendo que HELLER o define como ser particular e ser genérico na estrutura da cotidianidade. Assim o ser genérico, dessa forma denominado porque se relaciona ao ser individual que age segundo necessidades próprias, mas para a efetivação das mesmas trava relações sociais que proporcionam o desenvolvimento humano, tornando o sujeito então ser genérico, *“enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade)- bem como freqüentemente, várias integrações - cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua ‘consciência de nós’”*.

Cabe salientar que nem todo comportamento pode ser definido como cotidiano, visto que, quando ocorre a concentração de toda a atenção do homem sobre uma única questão, a homogeneização, “suspendendo” qualquer outra atividade durante tal execução e empregando toda a sua inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa, penetra-se na esfera do humano-genérico. Tal fato é inerente a indivíduos que possuem como atividade básica certa orientação ao humano-genérico, como o estadista, o revolucionário, professor, artista ou cientista.

Em contraposição, o comportamento cotidiano, como explicitado anteriormente, baseia-se na atividade espontânea, na qual o homem age segundo as possibilidades concretas nas quais as idéias que a integram não constituem teoria ou práxis, mas sim pragmatismo, estando repleto de pensamentos fragmentados e juízos de valor.

Segundo MOYSÉS e COLLARES *“quando um juízo provisório é refutado no confronto com a realidade concreta, seja por meio da ciência ou mesmo por não encontrar confirmação nas experiências de vida do indivíduo, e mesmo assim se mantém inabalável, imutável e cristalizado contra todos os argumentos da razão; não é mais um juízo provisório, mas um preconceito”*.

Este tem origem individual ou social, sendo mais comum às relações sociais, serve, para manter a estabilidade da sociedade. Assim, em geral, o preconceito, constitui

interesse de classe, no caso dominante, que deseja conservar a coesão da estrutura social.

Segundo estudos de Agnes Heller, na história da humanidade, nenhuma classe construiu tantos preconceitos como a burguesia, em que aqueles que não se adequam às normas estabelecidas por esta classe, são considerados desajustados, anormais, sendo estigmatizados socialmente.

O preconceito é caracterizado pela tomada de posição moral, que acarretará em rotulação e formação de estereótipo de grupo, por isso apresenta conteúdo negativo impedindo a autonomia do homem, *“diminuindo sua liberdade relativa diante do ato de escolha ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo”*. (HELLER, 2000, p. 59)

É a partir dessas concepções de vida cotidiana e de preconceito que se analisará a escola em estudo, o que proporcionou a percepção de alguns mitos e preconceitos, viabilizados por meio das entrevistas.

A entrevista definiu-se informalmente, havia um roteiro de questões norteadoras pré-formuladas, no entanto a mesma estruturou-se no desenrolar da conversa. Tal fato possibilitou, pelo que se verifica no depoimento das pessoas entrevistadas, um desabafo, em diversos momentos e até mesmo uma crítica à atual situação do ensino no território nacional brasileiro.

Solicitou-se o depoimento das especialistas em educação da escola (coordenadora pedagógica, vice-diretora e diretora), como integrantes da direção da mesma, das professoras (uma da fase inicial do 1º ciclo, ou seja, 1ª série e outra da fase final do 2º ciclo, a 4ª série). Sendo que ambas foram privilegiadas em primeira instância no que se refere à solicitação da realização das entrevistas, devido ao fato de serem moradoras do bairro no qual a escola se localiza, há alguns anos e também pela experiência de vários anos de trabalho docente nas séries iniciais do ensino fundamental (7 anos e 15 respectivamente).

Considerou-se também a “voz” dos alunos, sendo que foram entrevistados dois do 1º ciclo e dois do 2º ciclo, um com bom desempenho escolar e o outro com dificuldades de aprendizagem em cada ciclo. A família ou responsável por esses alunos também apresentou sua opinião em relação à temática deste estudo.

A partir das informações obtidas em documentos e na prática da vida cotidiana, apesar dos alunos terem acesso à escolarização na idade prevista, com o passar dos anos, o índice distorção idade-série eleva-se em conseqüência do processo de

reprovação existente na instituição, embora haja o ideal de reter o mínimo possível de alunos. Desta idealização provém as críticas dos profissionais entrevistados, especificamente as professoras que alegam a existência na escola do “currículo do mínimo”, ou seja “sabem ler mais ou menos, escrever mais ou menos, produzem texto mais ou menos, sabem as quatro operações, então eles vão para a 5ª série”.

Devido a tal situação, os alunos chegam ao final do 2º ciclo com muitas dificuldades de aprendizagem, o que requer uma avaliação que exija o mínimo de conteúdo para que possam freqüentar uma sala de 5ª série. Entretanto, cabe questionar o motivo pelo qual esses alunos no último ano do ensino fundamental inicial não sabem muitas vezes o mínimo e/ou porque se recorre a uma avaliação baseada no “*currículo do mínimo*”.

Percebe-se que se o fracasso escolar está camuflado, pois se quase não há retenção, então se subtende que existe a aprendizagem dos alunos e por tal motivo a maioria está apta a freqüentar o nível seguinte. Entretanto ao adentrar de forma mais profunda nas relações da vida cotidiana, descobre-se a atual situação da realidade escolar.

Esta realidade revela alunos excluídos do processo de aprendizagem, à margem do contexto de alfabetização e por tal, vistos de forma preconceituosa na própria instituição na qual esta situação foi produzida.

O presente estudo pretendia analisar as relações deste processo de exclusão do aluno com dificuldades de aprendizagem com a existência do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia instalado nas proximidades da escola, caso esta relação existisse realmente.

De forma surpreendente a análise da vida cotidiana, demonstrou que esta visão na qual o fracasso dos alunos relaciona-se com a existência do presídio, onde permanecem em regime de encarceramento familiares dos alunos, constitui um estigma produzido pelos próprios sujeitos envolvidos na educação escolar que, em geral, justificam a não-aprendizagem dos alunos da seguinte maneira “*É filho de bandido e a forma de ganhar a vida relaciona-se à criminalidade, já que a referência está no próprio meio familiar*”.

Em concordância com o depoimento de uma professora, que leciona na escola há quinze anos, a maioria da população carcerária do presídio não é proveniente de Hortolândia, há alguns casos, mas insignificantes perante o número de sujeitos presos. Além disso, por ser moradora do bairro:

“A maioria dos alunos aqui estudei com os pais, já dei aula para o pequenininho da 1ª série, o Pedro, por exemplo, já dei aula para o irmão dele na 4ª série, em qual série seu irmão está agora?” (Pergunta ao aluno).

“Está no 2º ano”

“Entendeu? Não é isso, dei aula para o irmão dele na 4ª série e ele já está no 2º ano, estou dando aula para ele agora. Tem criança aqui, que estudei com o pai na 7ª série, hoje os filhos são meus alunos”.

A partir da percepção desse fato, a hipótese inicial que continha a idéia de existência na escola de alunos migrantes, filhos de presidiários, não é verdadeira. Sendo que de acordo com as famílias entrevistadas percebe-se uma média de 6 anos no qual residem no bairro “Jardim Nova América”.

Em geral esta idéia na qual constitui objetivo da presente monografia, define-se como atitude preconceituosa presente na escola, não se relacionando às verdadeiras causas do fracasso escolar. Foi interessante como a conversa informal, que configurou as entrevistas, demonstrou a existência de alguns fatores que contribuem para a exclusão do aluno de classe popular do processo de aprendizagem.

Dessa forma as causas mais citadas e problematizadas pelos sujeitos entrevistados foram:

- Família ausente;
- Escolarização constitui uma obrigatoriedade;
- Distúrbios de aprendizagem;
- Ausência de objetivo comum na instituição;
- Falta de compromisso da escola com a comunidade e desta com a escola;
- Falta de responsabilidade do professor;
- Profissionais preconceituosos;
- Sistema escolar;
- Estado ausente;
- Mau emprego das leis (ECA, LDB), do PCN, como também das teorias educacionais, como é o caso do construtivismo;

A família é ausente

O apontamento mais citado relaciona-se à ausência da família no processo de aprendizagem dos filhos, assim:

“Mas o que se percebe em relação à questão da aprendizagem é a questão da família, esta faz muita diferença no processo. Então a família que se incomoda, que participa, que questiona, mesmo que a criança tenha dificuldades, estas são transpostas com mais facilidade do que aquelas crianças, por exemplo, em que a família não está presente”.

Professora do 1º ciclo

“As famílias, os pais mais presentes, os alunos vão melhores sim. A família é importante, porque o pai está pegando no pé, às vezes a criança não aprende direito, mas o pai está ali cobrando dele”.

Professora do 2º ciclo

“O que a gente tem observado hoje é que a escola tem sido vista pela família como algo assistencialista. Então as mães estão transferindo a responsabilidade, muitas vezes até de educar os filhos para a escola. Então quando a gente chama um pai, uma mãe para conversar aqui na escola, a gente está buscando formar esse pai. Mostrar para ele que precisa participar da vida escolar do filho, porque a grande maioria não se importa. Não procuram olhar a lição, não procuram olhar o caderno, inclusive hoje, eu conversei com uma mãe e eu expliquei para ele, fui muito clara. Eu falei ‘Mãe, a professora, ela está sozinha, só ela tem buscado apresentar atividade, só ela tem pego no pé da sua filha, só ela tem procurado fazer com que sua filha aprenda’. A senhora precisa perceber que o que faz aqui na escola é importante para você”.

Coordenadora

“A nossa maior polêmica hoje é essa, a família jogar toda a responsabilidade para a escola. Até a responsabilidade de valores, de valores que são da família, hoje eles jogam para nós trabalharmos. Então, a nossa carga ela é bem maior”.

Diretora

Os relatos possibilitam verificar a valorização atribuída à presença da família na escola, devido à diferença, segundo estes, em que a participação efetiva desta produz, trazendo melhoras para a vida escolar do aluno.

Sendo então, a falta de apoio dos responsáveis pelos alunos, um dos fatores relacionados às causas do fracasso escolar. Diante desta realidade, foram criadas, na escola, estratégias que atraíam esses familiares à escola, como a realização do sorteio de uma cafeteira elétrica na reunião de pais, somente para os participantes da mesma.

Embora se tenha percebido maior número de pais em tal reunião, a motivação foi o sorteio e não a vida escolar do filho, ou seja, será que esse fato possibilitou uma eficaz presença da família no contexto de escolarização do aluno?

Sendo que a fala “ela precisa saber o que ela faz aqui na escola é importante para você”, constitui uma opinião de extrema relevância, se considerarmos o fator emocional como elemento que deve ser considerado no espaço escolar.

Na fala dos familiares...

As famílias que relataram suas opiniões, em geral, residem no bairro Jardim Nova América, em uma média de seis anos, sendo que o grupo familiar é composto em média por quatro pessoas (em concordância com as informações obtidas em documentos oficiais da escola), sendo enfim migrantes de outras cidades. A mudança tem como objetivo principal a questão econômica, como trabalho e desemprego.

Sobre a participação na vida escolar do filho, seguem abaixo alguns relatos, relacionados à seguinte questão: Costuma participar da reunião de pais? Qual a importância desta na vida escolar do filho?

“Costumo, a reunião é importante para que se possa estar integrado à vida escolar do meu filho”.

Responsável por aluno com dificuldades de aprendizagem do 1º ciclo

“Sim, para saber como está o desenvolvimento da criança e se ela consegue acompanhar o objetivo de sua professora”.

Responsável por aluno com bom desempenho do 1º ciclo

“Eu trabalho, porém vou de vez em quando”.

Responsável por aluno com dificuldades de aprendizagem do 2º ciclo

“Sim, é importante saber o desenvolvimento de nossos filhos e também seu comportamento”.

Responsável por aluno com bom desempenho do 2º ciclo

Todos os entrevistados alegaram participar do processo escolar do filho, sendo assíduos às reuniões, eventos escolares e comparecendo quando convocados por algum

motivo à escola, sendo que todos ajudam na realização de atividades “para casa”, quando sabem, visto que “é importante saber como os nossos filhos estão e o que estão aprendendo”, segundo o relato do responsável por aluno com bom desempenho do 2º ciclo.

A partir do levantamento realizado, percebe-se um certo distanciamento entre a família e comunidade escolar, em que ambos se direcionam para caminhos opostos com o intuito de resolver um problema comum.

Necessita-se assim a (re) aproximação dessas instituições para que a partir desta se inicie um processo de construção de uma relação sólida, de significação entre esses importantes elementos, fundamentais no contexto de aprendizagem da criança.

A escolarização constitui uma obrigatoriedade

Outro fator muito citado pelos entrevistados constitui uma decorrência do primeiro caso analisado. Então os pais não se interessam pela vida escolar do filho, pelo motivo de que esta se define como algo obrigatório, mas destituída de muita importância, já que a escola possibilitará um retorno apenas no futuro e não no momento imediato, como se vê adiante:

“A gente percebe em várias famílias que a escolaridade, a aquisição de conhecimento não é o item principal. O item principal é ganhar dinheiro, por exemplo. Então, a escola não é coisa importante, estar na escola é um fato. Precisa-se aprender a ler e escrever, mas boa parte das famílias não percebe educação como um bem, um bem cultural. É simplesmente um fato, tem que estar na escola, senão o Conselho Tutelar vai na minha casa, mas se o Conselho Tutelar não fosse na minha casa, não vinha para a escola porque não precisa disso.”

Professora do 1º ciclo

“Muitos pais não sabem ler, então eles não têm como se interar e nem ajudar os seus filhos. Mas este, não digo que é o maior, o problema maior mesmo é a ausência dos pais e não colocar a educação como prioridade na vida dos filhos, porque eu acho que quando você coloca como prioridade você arruma um tempo”.

Diretora

Percebe-se então que os pais dos alunos buscam cumprir a obrigatoriedade, visto que é direito da criança freqüentar a escola, ter uma vaga em instituição próxima à sua

residência, garantido por lei. Entretanto tal fato não se define como fator importante, já que segundo a professora a idéia que circula no contexto escolar é *“a escola não dá trabalho para ninguém, tem um monte de engenheiro varrendo rua, porque se entende, necessariamente, a escolaridade como alto padrão de vida, não se entende necessariamente como capital cultural simplesmente Entende-se como aquisição de dinheiro, se você tem escolaridade você vai ganhar bem, se você não tem, vai ganhar mal. Mas isso é mentira, meu pai é pedreiro, não tem escolaridade nenhuma, mas ganha quase ‘cinco pau’ por mês e você que é professora, fez faculdade ganha só 1000”*.

Então devido à essa relação da escolaridade e situação financeira, a educação escolar é vista com pouca importância, se considerarmos que tal fato se define como algo pertencente ao plano futuro e muitas vezes incerto, já que, como citou a professora, tem pessoas sem escolaridade que ganham mais do que determinados indivíduos com grau universitário *“essa idéia ligada de escolaridade a dinheiro, eu acho que traz muitos problemas na sociedade brasileira como um todo porque as pessoas pensam assim. Ah, você tem que estudar senão você vai virar empregada doméstica. Aí você sai daqui, vai para os EUA e trabalha como empregada doméstica, porque vale a pena, o cara vai pagar sessenta dólares por faxina e aí você faz três, quatro faxinas no dia e numa semana tira o que trabalhava aqui num mês.”*

Há a necessidade de formar esses familiares dos alunos, proporcionando uma visão mais abrangente da função escolar na sociedade, enfatizando a questão da aquisição do conhecimento, do papel cultural como possibilitador da efetivação de transformações nessa.

Os distúrbios de aprendizagem

Os distúrbios de aprendizagem foram lembrados:

“A criança às vezes tem algum problema neurológico, cognitivo e interfere”

Coordenadora

“Temos muitos alunos especiais, diversos alunos com síndromes diferentes, temos vários deficientes mentais e muitos com problemas psicológicos, vindos de famílias separadas, enfim, problemas familiares que refletem”.

Diretora

“Tem muita criança com problema de aprendizagem, muita mesmo. A classe aqui, tenho mais criança com problema de aprendizagem sério do que na 3ª série, muito mais, está complicada a situação.”

Professora do 2º ciclo

“A família que se incomoda, que participa, que questiona, mesmo que a criança tenha dificuldades, estão são transpostas com mais facilidade”

Professora do 1º ciclo

Dessa forma a inclusão na escola dos alunos com necessidades especiais, como os que apresentam Síndrome de Down, do X-Frágil, criança afetada pela contaminação com lixo radioativo no Mato Grosso, dentre outras sugere a realização de um trabalho pedagógico que considere essa realidade. Portanto o processo avaliativo dos mesmos também realizar-se-á de maneira adequada ao trabalho desenvolvido durante o período letivo, visto que como citou a coordenadora pedagógica *“Tem alunos lá na 2ª série (1º ciclo), que fazem parte da saúde no CIER (Centro de Integração e Reabilitação), já reprovaram três vezes a 2ª série e eu me pergunto assim ‘Gente, por que estão reprovando esses alunos, se eles estão no limite deles?’”*.

De fato, como citado na entrevista, há um processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais, no entanto na prática, evidencia-se a falta de preparo do professor que em geral desconhece a forma de trabalho coerente à situação dos alunos inseridos no contexto escolar, não os reprovando sucessivamente, já que esse aluno deve ser avaliado a partir das situações vivenciadas na escola.

Ausência de objetivo na instituição

A ausência de um objetivo comum na escola representa também um fator responsável pela produção do fracasso escolar:

“Eu enquanto professora, tenho um objetivo: formar um aluno assim, eu quero alunos críticos, que saibam pensar, interpretar. Aí tem a outra professora que tem outro objetivo de aluno e isso não pode acontecer. Primeira coisa então, existe esta discrepância dentro da unidade, então assim, primeiro eu tenho que ter um objetivo comum, porque se eu tenho um objetivo comum, eu procuro meios par todos atingirem a esse objetivo comum, sem partir para a minimização do currículo “ah, sabe ler e escrever, está ótimo, vai para a 5ª série”. Porque eu acho que não é esse o objetivo, se for esse o objetivo, a criança daí da 1ª e vai direto para a 5ª série, transforma-se a

escola inteira em 1ª série, alfabetiza e ensina mais, menos dividir com um número só, “está ótimo”, então manda ela para a 5ª.”

A inexistência de um Projeto Político Pedagógico na instituição foi fortemente criticado por uma entrevistada, justificando que a ausência deste impossibilita à escola agir com um objetivo comum e interesses que convergem para uma mesma finalidade, como citado acima. E não havendo uma finalidade clara, cada qual age da forma que julga correto, culminando na “minimização do currículo”, ou seja, o aluno sabendo o mínimo, está apto a frequentar a série seguinte.

Compromisso escola-comunidade-escola

Em decorrência da falta de objetivo comum, percebe-se a falta de compromisso da própria instituição, conforme relatado:

“A escola está fugindo da responsabilidade, a escola também minimiza, quando ela fala que as crianças não sabem nada, mas espera aí! Tudo bem existe o braço da família? Existe, mas o que a escola está fazendo? Porque a partir do momento que a unidade trabalha como um todo, com um objetivo, ela tem propostas de recuperação, de ajuda paralela, esse aluno, a comunidade, ela sente essa responsabilidade, porque ela se coloca essa responsabilidade, porque ela está sendo chamada à responsabilidade, ‘olha não é assim, educação não é brincadeira, é a educação do teu filho, então vamos ajudar na educação do teu filho’. Eu acho que é nesse sentido. Falta uma unidade, dentro da Unidade, uma unanimidade dentro da unidade, que é: qual é nosso objetivo? Como é que nos queremos que essa criança saia daqui? A reprovação ela é necessária? Não é necessária? Nós estamos trabalhando para isso? Então essa é a questão. Porque assim é muito fácil a gente definir o fracasso, é fácil dizer que tem muito aluno que reprova, tem muito aluno que não sabe nada, mas a gente está se propondo a não ensinar nada, também”.

A partir dos depoimentos verifica-se a existência da falta de compromisso então da escola com a comunidade e vice-versa. Sendo que é função da instituição buscar envolver a comunidade, chamá-la à participação nos eventos escolares “quem assume primeiro o compromisso é a instituição, a instituição tem que se comprometer para a partir do compromisso dela faça com que as pessoas se sintam compromissadas também e pensem ‘Tenho que fazer minha parte’. Mesmo porque se eu me comprometo,

eu tenho porque te chamar à responsabilidade, eu falo: 'Olha, eu estou fazendo, o que você está fazendo?' Então assim, esse comprometimento é o que falta. Primeiro da unidade”.

Compromisso do professor

Continuando no mesmo raciocínio, que sugere a falta de compromisso da escola, por conseguinte da comunidade, chega-se também ao descaso do professor, muito citado como grande incentivador da rebeldia, fracasso dos alunos em virtude de atitudes preconceituosas manifestadas em sala de aula.

“Porque a gente vê muito isso. Professor cada vez com mais pedagogia, aqui na escola, por exemplo, você conta nos dedos os professores que tem só o Magistério ainda. Mas para que eu tenho um monte de pedagogo? De licenciados, se estes não se comprometem? Pós-graduação tem gente com mestrado, para que esses profissionais qualificados se na hora de mostrar, passar essa qualificação, ela na é usada?”

Professora do 2º ciclo

“A falta de interesse do professor, também interfere. Então o professor ele precisa acreditar naquela criança que não aprende, é o que eu acredito”.

(...)

“Quando vejo aquela criança que apresenta distorção idade-série, então tenho tentado mapear a escola. De que forma? Por que essa criança reprovou? Então eu vou tentar buscar, se a causa é familiar, se a causa é problema neurológico, cognitivo, algum déficit, se precisa de encaminhamento. Isso tudo, ou se ela não aprendeu porque o professor não ensinou da forma como deveria, né? Então é o que eu tenho percebido. Às vezes o fator social, interfere muito, mas aí o professor ele precisa ter a disponibilidade de quebrar essa barreira. Quando é problema neurológico, cognitivo você consegue fazer com que aquela criança avance, mas ela vai avançar no ritmo dela, então enquanto ela estiver avançando, ótimo. Mas quando o problema é social, que aquele aluno ele não tem apoio da mãe, do pai, às vezes não tem a mãe e vive com a avó, vive com o tio e ele não tem interesse pelo estudo e aí entra o papel do professor de acreditar nesse aluno e se o professor não acreditar nesse aluno e ele ficar lá no cantinho da sala, ele vai ficar sem aprender.”

Coordenadora pedagógica

“O professor precisa, na minha opinião, isso falo sempre e arrumo confusão nas reuniões, o professor é o maior incentivador da indisciplina na escola, quando trata o aluno com preconceito mesmo, não é nem aquele preconceito disfarçado, sempre o pior aluno é aquele mais negrinho.

Se ele é evangélico, não facilita a vida do católico, se sabe que tem um espírita, coitado! Ele alega, fala em reunião que o menino é endemoniado, já ouvi isso de professor.

A maioria infelizmente ou felizmente, não sei, a maioria absoluta é evangélica, não é crente da Assembléia de Deus, nem da Batista, nem da Congregação, são aqueles evangélicos novos, a nova geração de evangélicos. Então ele critica o meu aluno, fala que a mãe é do mundo, que está endemoniado, já ouvi isso.

E aquele que é negro, ele é burro, bonitinha é só aquela menininha que tem o cabelo todo colorido, de preferência loira, os outros são tratados como escória, é o resto mesmo, ninguém valoriza.”

Professora do 2º ciclo

A partir da fala destas professoras e especialistas evidencia-se a crítica a determinadas atitudes de certos profissionais que embora possuam nível universitário e até mesmo pós-graduação, realizam com descaso seu papel de professor e mediador da relação aluno e conhecimento, havendo um descompromisso exacerbado com a educação desses alunos.

Cientes da atual situação da precariedade do trabalho desta categoria profissional, como os baixos salários, o que faz com que os professores tenham que dobrar período e muitas vezes triplicá-lo com o intuito de aumentar o salário, além do problema das salas de aula lotadas, fator que dificulta o trabalho pedagógico, falta material e mobiliário adequado, como citado na entrevista, dentre outros itens geradores da desmotivação do professor, segundo as entrevistadas não justifica a falta de compromisso e interesse pelo aluno com dificuldades de aprendizagem.

Dessa forma, a direção da escola tem insistido e cobrado resultados desses profissionais, questionando o fato da não-aprendizagem do aluno, propondo pedagogias alternativas que possibilitem avanços no processo de aprendizagem do mesmo, sendo que as atividades paralelas às atividades realizadas em sala foram fortemente enfatizadas pelas professoras e especialistas, como sendo uma das formas de impedir

que o aluno fique isolado e esquecido no fundo da sala de aula devido ao não acompanhamento do nível da turma.

Profissionais preconceituosos

Além do descompromisso do professor, como profissional da educação, a existência de um preconceito deste, também foi apontado, como produtor da estigmatização do aluno e conseqüentemente exclusão do mesmo do processo de escolarização, via atitudes como:

“E aquele que é negro, ele é burro, bonitinha é só aquela menininha que tem o cabelo todo colorido, de preferência loira, os outros são tratados como escória, é o resto mesmo, ninguém valoriza.”

“O professor do ano anterior já fala, teve gente que foi falar no departamento, teve professor que assumiu a sala num dia, no outro ela foi lá e trocou de sala. Por que? Porque sabia que tinha uma criança chamada Lucas que era terrível”.

“Entram na sala de aula no primeiro dia, já sabendo como vai ser o último”.

“Mas vêem assim: “Olha, tem uma criança na sala que é soropositivo, nossa! Me avisa que não quero nem chegar perto. Deus me livre! Aquelas crianças com piolho querendo me beijar, Deus me livre!”.

São situações presentes no cotidiano escolar e produtoras do preconceito, no qual não é nem disfarçado, já que algumas professoras desejam saber quem é a aluna soropositiva para não chegar perto ou quem é o aluno “terrível” para trocar de sala, sem contar as situações que ocorrem em sala de aula que excluem o aluno, como é o caso da profecia auto-realizadora, na qual no primeiro dia de aula o professor faz um mapeamento da sala que culmina na rotulação dos alunos e a partir desta definir-se-à a postura deste durante todo o ano letivo, justificando-as com falas como: *“Ah, não quer nada com a vida, deixa pra lá”.*

São diversas as situações comuns ao cotidiano escolar que contribuem para a estigmatização do aluno, o fracasso e por fim a exclusão do mesmo da instituição escolar, já que em tal espaço não há uma valorização, apoio aos alunos, especialmente aqueles de periferia.

Há um depoimento interessante, na qual a docente diz que se necessita da disponibilidade do professor, pois em alguns casos este não possui o interesse em buscar

soluções para os problemas surgidos em sala de aula, em dar crédito à crianças em situação de fracasso, não formando estereótipos no início do ano letivo, pois estes serão os elementos norteadores de sua postura durante todo o processo. Além disso, a criança introjeta o rótulo, normalizando e determinando uma situação de não-aprendizagem, sem retorno e sem possibilidade de inversão dessa situação.

Método de ensino

Quanto ao método de ensino, na escola os profissionais trabalham da forma que consideram adequada ao contexto de sua sala de aula, no entanto criticou-se o emprego muitas vezes errôneo do construtivismo, sendo que não se sabe exatamente como trabalhar tendo como enfoque esta teoria, deixa-se as crianças livres para fazerem o que quiserem.

Tal fato tem prejudicado o ensino, já que determinados profissionais preocupam-se em adequar-se às tendências em destaque na área educacional, então como citado pela professora, todos procuram aplicar o construtivismo, como acontece com o método Paulo Freire, Piaget, dentre outros, não existindo um conhecimento aprofundado em relação aos mesmos, provocando uma distorção, muitas vezes da teoria.

Percebe-se, diante das situações apresentadas, como desconhecimento de leis relacionadas à educação, teorias distorcidas, além das atitudes preconceituosas, que apesar da existência de profissionais qualificados, com graduação e pós-graduação, cabe questionar a qualidade dessa formação, de que forma esta foi realizada, já que se verifica uma prática pouco reflexiva.

Dessa forma, na opinião da professora:

“Ele não pode ser alfabetizado pela cartilha porque traumatiza, não pode ser chamado à atenção porque traumatiza, não posso ensinar para as crianças de 4ª série o que é substantivo, adjetivo, porque bloqueia. Mas o filho do poderoso está na escola particular, onde se ensina pelo método tradicional, usa-se a cartilha Caminho suave, que é do meu tempo. Entrei na escola em 1969 e na 1ª série, estudei com a Caminho suave. As crianças de algumas escolas particulares estudam pela Caminho suave, ali está o filho da coordenadora pedagógica que fala para mim que não pode ensinar ba-be-bi-bo-bu, mas o filho dela aprende por esse método”.

Professora do 2º ciclo

“E também não desprezar o que é certo, o construtivismo é muito importante, mas o que eu estou vendo é que está atrapalhando muito na educação, larga-se o que é certo, o que tenho segurança, pelo que não se sabe ainda trabalhar. A verdade é essas. Porque o construtivismo diz para trabalhar de forma diferenciada, dando mais oportunidades ao aluno e não da forma como estamos vendo”.

Diretora

Enfim, essa realidade tem interferido também na não aprendizagem dos alunos, o conhecimento superficial das teorias educacionais, como também o fato dos professores, segundo relatos, terem segurança apenas por meio da utilização do método tradicional. Mas por que se sabe ensinar apenas via este método e não de outra forma?

O sistema escolar

Outra questão apontada e muito pertinente quando o assunto é fracasso, relaciona-se ao sistema escolar:

“O sistema quer meu aluno à margem da sociedade, ele vai ser um marginalizado, o excluído. O que eu discordo, porque sei o valor que tem a educação, eu vivia à margem e a educação me tirou dessa margem, eu sou professora, mas nasci lá na periferia, aliás, moro na periferia até hoje. Passei boa parte da minha infância em favelas dos Campos Elíseos, Jardim Ieda e Santa Lúcia em Campinas. Fui embora para a Bahia, morava nas roças, casa de barro, caindo, quando chovia molhava tudo dentro de casa buscava água de rio, cozinhava na lenha e a educação me deu chance de hoje estar melhor. Então, acredito nisso, só que ao meu aluno não é dado esse direito, ao aluno de periferia. Quem me coordena, quem me dirige, quem me orienta pedagogicamente, diz que não posso fazer nada de bom para o meu aluno, porém os filhos deles estão nas escolas mais tradicionais.

E o meu aluno vai atrapalhar, né? A partir do momento que meu aluno sabe, tem condições de competir de igual para igual com o filho da minha diretora, ela não quer, né? O filho dela precisa trabalhar, ganhar um bom salário, o meu aluno pode ser catador de latinhas, desempregado, virar marginal”.

Professora do 2º ciclo

“E a aprovação em massa, quem não está apto, não tem que ser aprovado. Porque, o que está acontecendo: chega no final dos ciclos, os alunos estão em situações

irreparáveis e tem que aprovar esse aluno? Até que ponto? E isso está refletindo no nosso país e na educação em geral, nos vestibular, nos empregos”.

Diretora

O depoimento da professora revela um desabafo, quanto à sua condição social de vida e uma crítica ao sistema educacional, já que foi a educação que a inseriu na sociedade e possibilitou mudanças, fazendo com que defenda acirradamente o mesmo para seus alunos, visto que sendo de periferia, percebe-se a existência de um descaso, e qualquer coisa oferecida ao esses “está bom”.

Além disso, há a discrepância entre a determinação teórica, ensino organizado por ciclos e na prática, continua organizado por séries, levando tais profissionais a criticarem o sistema escolar, considerando que no final de tais ciclos o aluno muitas vezes não apresenta as habilidades mínimas para dar continuidade ao processo de alfabetização, o que contribui para a existência da aprovação de alunos não aptos ao acompanhamento do nível seguinte.

Estado ausente

O Estado ausente também contribui:

“Porque eu não quero gente que pensa, não quero gente que saiba tudo, não é objetivo nosso. Porque o Estado, ele acha que ele perde com isso e é ao contrário, a sociedade só ganha quanto mais gente consciente tem numa sociedade, mais essa sociedade ganha. Acontece que a diferença é: E um Estado que não quer ser cobrado, então aí é que está a diferença. Não é que ele não quer ter qualidade, ele não quer ser cobrado e se não quero, não posso te dar armas, instrumentos para você me cobrar depois. Se vou estar fazendo o feitiço, virar contra o feitiçeiro”.

Professora do 1º ciclo

Enfim, a população desconhecendo seus direitos de cidadão, não os exigirá do Estado que se mantém ausente, colaborando para perpetuação da situação dramática que são os hospitais públicos, escolas, transporte, moradia, dentre outros.

Desconhecimento das leis e teorias educacionais

Por último, gostaria de lembrar a crítica realizada ao emprego das leis relativas à educação e sua aplicação prática:

“A nova Lei de Diretrizes e Bases, foi mal interpretada pelo professor e entendeu que o aluno não pode mais repetir de ano. Trabalhamos por ciclo, só que na prática é série. Então tem que dar conteúdo de 4ª série, porém eles estão com defasagem da 1ª, mas não posso trabalhar como na 1ª série. Então é um bloco mal interpretado, mal lido, mal estudado, ninguém pesquisou, pegou a apostila pronta, leu e me entregou. Ai vem os Parâmetros Curriculares. A coordenadora fala ‘Você tem que trabalhar PCN’. Mas o próprio nome já diz é um parâmetro, uma idéia, uma base, um norte. Mas o que é PCN? Ela disse ‘Parâmetros Curriculares Nacionais’. Então falei ‘Desculpa, formulei mal a pergunta, o que é parâmetro?’. Então o professor não sabe nem o significado da palavra parâmetro, e manda trabalhar o PCN, como se este fosse um livro, uma cartilha, uma bíblia. É uma idéia, no final da série o aluno tem que estar isso e isso, mas não falam que eu vou trabalhar para o aluno chegar nisso, então dão curso de PCN, tudo mal lido e mal interpretado.”

(...)

“A mãe chama a atenção do filho várias vezes e às vezes dá uns tapas e a criança pode denunciá-la. A lei que foi criada para proteger a criança está transformando-a num futuro marginal. A criança não tem limite nenhum, eles podem fazer tudo e ninguém pode pará-las, a escola não pode, eles falam palavrão para professor, xingam professor, ameaçam professor e tudo de bom! Porque eles são crianças. Então a lei protege nos direitos, mas não mostra os deveres, conheço criança que foi tirada da família porque era espancada, isso e aquilo. Levou-se para o abrigo, neste cheiram cola, fogem do abrigo, fazem pequenos furtos em volta a instituição. Então, sem criticar nenhum profissional, mas quando a Psicologia entrou na educação, quando o psicólogo entrou na sala de aula, perdeu-se as rédeas, porque tudo tem problema.”

(...)

“Quem leu a lei pela 1ª vez interpretou do jeito que quis, porque não entendo a lei do jeito que passam para mim. Não pode reprovar, a progressão continuada, não existe na prática, porque ela existe na teoria. Como vou garantir a progressão continuada para esses alunos se eles não sabem nem o que eles estão fazendo? Não sei como era a situação deles o ano passado, acho que a progressão continuada tem que

partir do educador, por isso acho que o professor tinha que continuar com o aluno na série seguinte, até talvez funcionaria”.

Professora do 2º ciclo

Dessa forma o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), foram criados para orientar a educação brasileira, visando melhorias à mesma, no entanto, na prática do caso de estudo, funcionam como verdadeiras “cartilhas”, que o profissional da educação deve seguir. Os cursos são oferecidos para explicitação dos mesmos na forma de apostilas resumidas, gerando conseqüentemente o efeito inverso ao do pensado inicialmente. O professor segue, por exemplo, o PCN à risca, desconhecendo a melhor forma de trabalhá-lo, desconhecendo conteúdo, desconectado do contexto sócio-cultural na qual a instituição escolar está inserida, desconsiderando as situações cotidianas, a favor do cumprimento de um programa imposto.

Foi solicitado aos entrevistados a explicitação de medidas que ao menos solucionassem os problemas por eles apontados como produtores do fracasso escolar, sendo que as opiniões relacionaram à necessidade do comprometimento da instituição escolar com a oferta de uma educação de qualidade na mesma e a partir deste conscientizar a comunidade sobre sua parcela de responsabilidade e envolvendo-a nos eventos escolares.

Proporcionar uma formação aos pais ou responsáveis, mostrando a necessidade do compromisso com a educação do filho, subsidiando assim o trabalho do professor, mostrando a criança a importância das atividades desenvolvidas na escola e que há um interesse dos familiares por essas atividades, mais precisamente pelo desempenho do aluno ao realizá-las.

A escola necessita de um Projeto Político Pedagógico delineador dos objetivos do corpo docente e direção da escola para que haja um objetivo comum à tal coletividade. Cabendo ao profissional da educação, especialmente o professor uma atuação mais consciente do seu papel na vida dos alunos, quebrando barreiras e preconceitos que distanciem os mesmos da escola e impedindo, dentro do possível e dos limites da prática docente, a exclusão do aluno de periferia do processo de escolarização. Pois este corresponde à maneira pela qual o aluno obterá instrumentos que o possibilitem lutar, ir na contramão desse processo de marginalização da população pobre que no 1º ciclo do ensino fundamental já é excluída de algo que constitui um direito seu, de cidadão.

Considerações finais

É PRECISO QUE NOS LIBERTEMOS DE NOSSOS PRECONCEITOS...

A percepção dos preconceitos e estereótipos inerentes à vida cotidiana revela a necessidade de *“ser capaz de se elevar à esfera do humano-genérico, suspendendo a vida cotidiana e suas infundáveis solicitações, e daí ser capaz de transformar seu próprio cotidiano, é essencial, se pretendemos ser sujeitos de nossa própria história.”* (COLLARES Y MOYSÉS, 1996)

Tal atitude configura-se como algo de extrema urgência na realidade educacional brasileira, como também no caso pesquisado, visto que relacionar o presídio com a condição de fracasso de determinados alunos, expressa a estigmatização destes pelos profissionais envolvidos com o processo de escolarização. Essa situação torna-se evidente diante da pesquisa de campo realizada e entrevistas concedidas pelos sujeitos presentes nessa realidade, na qual se conclui a não existência de alunos filhos de presidiários na escola, caso exista, constitui raríssima exceção.

Conforme HELLER *“Se confiamos enquanto indivíduos em nossos ideais e em nossas convicções, isto é, se confiamos nelas sobre a base de um permanente controle da situação, das autoridades e também (e não em último lugar) de nossas próprias motivações, se estamos dispostos a negar confiança a nossas idéias na medida em que o conhecimento e a experiência as contradigam de modo regular, se não perdermos a capacidade de julgar corretamente o singular, então seremos capazes de nos libertar de nossos preconceitos e de reconquistar sempre nossa relativa liberdade de escolha. Só poderemos nos libertar dos preconceitos de assumirmos o risco do erro e se abandonarmos -juntamente com a ‘infalibilidade sem riscos’- a não menos tranqüila carência de individualidade”*.

Além disso, a pesquisa possibilitou compreender situações em que o sistema gerador da exclusão e o fato da educação não ser definida como prioridade às famílias, mas sim uma obrigatoriedade, são alguns dos aspectos responsáveis pela produção do fracasso escolar.

Esses fatos sugerem a importância da realização de uma reflexão no que concerne à definição das relações no espaço escolar, seja entre profissionais, profissional-aluno, aluno-aluno, aluno-família, família-professor e com a escola como

um todo. Como é construída essa relação e no que se baseia são questionamentos pertinentes para a superação de comportamentos preconceituosos e de exclusão.

A qualidade da formação do profissional da educação também constitui algo de relevância e que emergiu durante a pesquisa, já que se detectou a existência de profissionais com alto nível de estudo (pós-graduação, por exemplo), no entanto na prática não se percebe um beneficiamento deste.

Outro fator importante relaciona-se ao pensamento familiar, em que não há um incentivo em relação à educação escolar, no sentido de possibilitar a construção do conhecimento, e a partir deste gerar mudanças no pensar e conseqüentemente no comportamento. A escola não deve constituir então apenas uma obrigatoriedade para que o Conselho Tutelar não venha pressionar a família ou responsável pelo aluno, para que este freqüente a mesma, mas como dito anteriormente espaço de construção do saber.

Enfim, precisa-se buscar alternativas de inclusão na escola do aluno da camada popular, inserindo-o no processo de escolarização necessário ao mundo capitalista no qual vivemos, não realizando o contrário, que é o que se verifica na educação brasileira, a exclusão do aluno pobre através da produção do fracasso via preconceito, estigmatização constante destes, abandono na sala de aula, dentre outros. Necessita-se assim que nos libertemos, antes de mais nada, de nossos preconceitos para que busquemos uma educação de compromisso e justa.

Bibliografia

- ALTUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. RJ, Zahar, 1978.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. R.J.: Nova Fronteira, 1985.
- BAXANDALL, Michael. *Digressão contra a noção de influência*. In: Padrões de Intenção. Companhia das Letras.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. SP: Brasiliense, 1983.
- CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais* - SP: Xamã, 1999.
- COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, M^a Aparecida Affonso. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. SP: Cortez: Campinas: UNICAMP, 1996.
- CORRÊA, Rosa Maria. *Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- DAUSTER, T. & Maroto, M. I. Mata. *O valor social da Educação e do trabalho em camadas populares urbanas*. Projeto de Pesquisa, PUC/OEA.
- Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. R.J: Paz e Terra, 1977.
- GATTI, Bernadete. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002, 87 p.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. SP: Paz e Terra, 1992.
- KRAMER, Sônia. *Privação Cultural e a educação compensatória*. Cadernos de Pesquisa. SP (42): 54-62, 1982.
- LEAL, Antônio. *Fala Maria Favela*. SP: Ática, 2001.
- MALAVASI, Abigail. *As máscaras da exclusão-as significações da exclusão escolar a partir do universo do excluído*. SP. Tese de Mestrado-PUC-SP, 1996.

- MARCELINO, Nelson. *O lazer e o uso do tempo na infância*. In: Comunicarte, IAC, ano 4, No 7, 1986.
- MAZZA, Débora. “*Atos cognitivos presentes na prática e na pesquisa em Educação. Idéias –valor que cercam a formação do Pedagogo*”In: Proposições (no prelo).
- NOGUEIRA, Arnaldo. “*Movimentos sociais no Serviço Público*”. SP: USP, 1993 (Tese de Doutorado).
- PATTO, M^a H. S. *A produção do fracasso escolar.História de rebeldia e submissão*. SP: Casa do Psicólogo, 2000.
- RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana (orgs). *Família em promessas contemporâneas: inovações culturais na sociedade brasileira*. Sp: Loyola, 1995.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Educação para quem?* Ciência e cultura: vol. 28 (12), 1976.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores associados, 2003.
- VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. SP, Martins Fontes, 1991.
- _____.*A formação social da mente*. SP, Martins Fontes, 1991.

Documentos oficiais

- Proposta pedagógica do município de Hortolândia para Educação Infantil (1999);
- Plano de Gestão-proposta pedagógica da E.M.E.F. “Jardim Nova América” (2004-2007);
- Plano Municipal de Educação de Hortolândia-Anteprojeto;

ANEXO

ENTREVISTAS

Realizada no dia 25 de julho de 2007, com professora de 1ª série, leciona há sete anos, cinco destes com alfabetização, sendo que concluiu o curso de Pedagogia, ano passado pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Entrevistadora: Como percebe a questão do fracasso escolar*?

Professora: A evasão continua a existir, mas a questão da retenção é quase neutra. Isso não só na 1ª série, mas na 4ª série também. Se você parar para prestar atenção, nossos alunos de 4ª série, têm nível de 4ª série? Nível que você tinha na sua 4ª série?

Entrevistadora: Não!

Professora: Mas eles sabem ler, ler mais ou menos, escrever mais ou menos, produzem texto mais ou menos, sabem as quatro operações, então eles vão para 5ª série. Então assim, virou o currículo do mínimo, ah sabe ler e escrever, só tem uns errinhos de português, só porque escreve casa com z e ele está na 4ª série? Bobagem isso e a gente acaba não reprovando.

Entrevistadora: Na sua sala você tem criança com dificuldade de aprendizagem, e que, no caso, nessa época do ano, já deveria estar alfabetizado?

Professora: Já, a maioria apresenta-se alfabetizados. Mas o que se percebe em relação à questão da aprendizagem é a questão da família, esta faz muita diferença no processo. Então assim, a família que se incomoda, que participa, que questiona, mesmo que a criança tenha dificuldade, estas são transpostas com mais facilidade do que aquelas crianças, por exemplo, que a família não está presente.

Eu tenho uma questão aqui, o aluno X. Este é meu aluno e é o 2º ano que ele está na 1ª série, ele reprovou por falta e apresenta muita dificuldade.

Entrevistadora: Você acredita que talvez possa ser interferência de casos por exemplo em que os pais trabalham fora?

Professora: Mãe, pai, trabalhar fora não é problema. Pai e mãe trabalhar fora, não justifica irresponsabilidade sobre a vida escolar da criança. Essa não é a questão. Meu pai e minha

mãe, sempre trabalharam fora, mas eles tinham responsabilidade com minha vida escolar.

*O fracasso escolar é entendido, neste caso, como a somatória dos índices de evasão e reprovação.

A questão detestar presente, não é necessariamente a quantidade de tempo, mas a qualidade do tempo, que sejam 10 minutos para sentar e fazer a lição. Todo pai tem 10 minutos para sentar e fazer uma lição. Todo pai tem 10 minutos, porque todo pai chega e vai ligar a televisão, a mãe vai assistir à novela, o pai vai assistir o futebol. Então ele tem 10 minutos para sentar e fazer uma lição de casa com a criança, para dar atenção, para verificar, para questionar, para vir em uma reunião, ainda que seja em um horário diferente e falar: “Professora eu preciso saber o que está acontecendo, estou vendo que não está rendendo!”

Porque a criança pode apresentar o problema de aquisição mesmo de conhecimento, ela pode apresentar dificuldade, mas essas dificuldades vão ser transpostas, se a escola, se a gente, se os pais trabalharem. Eu vejo aqui, por exemplo, alunos com dificuldade de fala que é complicadíssimo de alfabetizar, mas que conseguiram ultrapassar a barreira e serem alfabetizados. Por que? A família estava presente, procurou-se um auxílio para essa criança, então assim a gente percebe que quando a família e a escola, óbvio, assumem a responsabilidade disso, né? Está presente, essa dificuldade da criança, mas ela é transposta com mais facilidade. A criança não sente tanta exclusão.

Entrevistadora: Há relação entre aprendizagem e pobreza?

Professora: Não, mesmo porque assim, o conceito de pobre é muito interessante, porque assim se formos parar para analisar nossas crianças, todas elas têm DVD, boa parte delas têm TV a cabo, telefone, telefone celular, então assim e independente disso, porque já tive criança que a mãe trabalhava no lixão, criança comia na escola que eu sei disso e que eu não tive dificuldade com esse aluno, eu acho que o incentivo, o propiciar, o aguçar a criança é o que faz a diferença.

Então porque a gente fala assim: criança de classe média aprende mais e a criança rica aprende mais, porque ela é aguçada o tempo inteiro, ela tem acesso a muita informação e sua curiosidade é aguçada o tempo inteiro, por exemplo, a criança rica tem informação sobre viagens, então você não fala para ela do mar e o mar para ela é um sonho, é simplesmente uma imagem de revista, um mar para ela é uma realidade. Você não fala para ela dos Alpes Suíços e para ela, de repente, os Alpes Suíços é um sonho, é uma realidade.

Mas independente disso, se eu aguço a criança a ter a curiosidade, se ela é pobre, se ela é rica, ela vai ter a mesma curiosidade, porque na verdade se eu determinar que a pobreza vai determinar se a criança vai aprender com mais facilidade eu estou dizendo o que? Que quem é rico aprende bastante e quem é pobre aprende pouco, está fadado ao

fracasso, eu estou determinado e não é isso. Eu não posso determinar. A situação social, óbvio, ela interfere, é o que eu estou falando, uma criança que tenha possibilidades financeiras ela tem mais possibilidades à realizar viagens, a ter acesso a revistas diferentes, etc, etc, etc. Porque os pais geralmente têm mais escolaridade, mas, no entanto, isso não faz com que meu aluno que tem tanta facilidade, tanto acesso assim, ele não tenha essa mesma desenvoltura. Porque assim, quais são os meios de comunicação mais usados? Televisão, rádio, revista, isso de certa forma a gente tem acesso, ainda que a mãe seja empregada doméstica e traga a Veja da semana passada da casa do patrão, ainda assim ele tem acesso à Veja, ainda assim, ele tem acesso ao jornal falado ou não.

Entrevistadora: Há uma relação deste contexto extra-escolar, especificamente no caso desse, onde há um presídio nas proximidades da mesma? A escola foi construída depois do presídio?

Professora: Com certeza, muito depois. O bairro é constituído por famílias de pessoas que estão no presídio

Entrevistadora: E qual a relação disso com a aprendizagem ou não das crianças?

Professora: O que eu vejo não é necessariamente na criança, é na questão familiar. A família, às vezes, eu não vou determinar, isso não é item, fato, mas a gente percebe em várias famílias que a escolaridade, a aquisição de conhecimento não é o item principal. O item principal é ganhar dinheiro, por exemplo, então assim a escola não é coisa importante, então estar na escola é um fato. Precisa-se aprender a ler e a escrever, mas boa parte das famílias não percebe educação como um bem, um bem cultural. É simplesmente um fato, tem que estar na escola, senão o Conselho Tutelar vai na minha casa. Mas se o Conselho Tutelar não fosse na minha casa, não vinha para a escola porque não precisa disso. Entendeu?

Então assim, é essa valorização. Não que a família coloque isso como meio ilícito de ganhar a vida, mas no sentido de que a escola não dá trabalho para ninguém, tem um monte de engenheiro varrendo rua, porque se entende, necessariamente, a escolaridade como alto padrão de vida, não se entende necessariamente como capital cultural simplesmente. Entende-se como aquisição de dinheiro, se você tem escolaridade você vai ganhar bem, se você não tem, vai ganhar mal. Mas isso é mentira, meu pai é pedreiro, não tem escolaridade nenhuma, mas ganha quase “cinco pau” por mês e você que é professora, fez faculdade ganha só 1000.

Então esta discrepância, essa idéia ligada de escolaridade a dinheiro, eu acho que traz muitos problemas para a sociedade brasileira como um todo, porque as pessoas pensam assim. Ah, você tem que estudar senão você vai virar empregada doméstica. Aí você sai daqui, vai para os EUA e trabalha como empregada doméstica, porque vale a pena, o cara vai pagar sessenta dólares por faxina e aí você faz três, quatro faxinas no dia e numa semana tira o que trabalhava aqui num mês.

Entrevistadora: Você tem aluno com distúrbio de aprendizagem?

Professora: Tenho aluno com problema de fala.

Entrevistadora: E isso estava atrapalhando?

Professora: A fala estava atrapalhando, porque fala errado, conseqüentemente escreve errado. E ele está tendo dificuldade para adquirir, para conservar. Aprende, mas não conserva. Então essa é uma questão momentânea, amanhã já foi, já esqueceu.

E tenho outra aluna, especificamente que está tendo muita dificuldade e que precisa de encaminhamento, mas este encaminhamento ainda não foi feito, porque ainda como é 1ª série se espera até muito mais tarde para realizar esse encaminhamento. Porque tem a questão da insegurança da criança, tem criança que teve o estalo em abril e tem criança que vai ter o estalo só em... Setembro e como supostamente é um ciclo, ele tem até o final da 2ª série par ser alfabetizado.

Esta menina é uma menina muito inquieta, ela não tem concentração. Então, creio eu, isso esteja atrapalhando ela, porque conservar, conserva, mas é muito inquieta não tem paciência de fazer e isso está atrapalhando. Agora, se vai, além disso, precisa da avaliação de um psicopedagogo, um outro profissional que entenda mais desse distúrbio do que a gente.

Entrevistadora: A 1ª série não é encaminhada para reforço, né?

Professora: Não, mas no caso aqui da escola, não sei se é na rede inteira, está se tentando fazer com que as meninas do Grupo de Apoio, os peguem no horário de aula, os alunos com mais dificuldades mesmo, duas vezes por semana para dar uma trabalhada em particular. Porque assim, eu tenho um problema muito sério na minha sala. Tenho 28 crianças, 5 não estão alfabetizados e o resto está alfabetizado, lendo e escrevendo. Então de certa forma trabalhar com esses 5 é mais complicado na sala, no todo e aí, quando eles conseguem tirar essas crianças nesse horário fica mais fácil, mas independente disso, tem que fazer um trabalho paralelo na sala de aula.

Entrevistadora: Atividade extra- sala de aula ainda tem na escola?

Professora: Tem o teatro, xadrez, teatro não sei, mas xadrez notei bem menos interesse do que havia antes.

Entrevistadora: Tem Dança de Raiz ainda?

Professora: Não. Dança de Raiz passou para a Cultura, então não é mais desenvolvido na escola. Tem um lugar específico na Cultura, onde é desenvolvido e tem um lugar no bairro onde é desenvolvido.

Entrevistadora: E essa sala de alfabetização foi você mesmo que escolheu?

Professora: Eu sou alfabetizadora há 5 anos, por opção minha. Dos 7 anos que estou aqui, 5 são na 1ª série. Comecei a alfabetizar em 2003, os primeiros quatro meses, quase arranquei os cabelos “meu Deus, eles não estão aprendendo”, né? Quem vai alfabetizar tem esse desespero, mas quando chegou em agosto que vi aquele monte de criança lendo, começou a pipocar, um começou aqui, outro ali e quando você vê, já está a maioria.

Ao perceber isso, que todos estavam lendo, pensei “nossa, é isso que quero para mim” e fiquei por opção mesmo na 1ª série.

Entrevistadora: Há problemas de indisciplina?

Professora: Na 1ª série é muito difícil, já tive alunos que deram problema. Porque eles têm 6/7 anos de idade, então você consegue manobrar melhor. A indisciplina deles não é a indisciplina de uma criança de 10 anos. A indisciplina deles é falar demais, andar excessivamente, falar em excesso, é o máximo que eles fazem.

Entrevistadora: Não chega a atrapalhar?

Professora: Não, não chega a atrapalhar, no caso, tive um aluno que tinha um problema sério, como que fala?

Entrevistadora: O que?

Professora: Aqueles muito agitados?

Entrevistadora: Hiperativos?Professora: Isso, hiperativos. Então tinha um quadro de hiperatividade e tomavam remédio, já tive alunos assim que tomavam remédio, então não tinha tanta dificuldade com relação à indisciplina com essas crianças, não sei se era por causa da medicação.

Entrevistadora: Faixa etária?

Professora: De 6 a 7 anos.

Entrevistadora: Tem algum defasado?

Professora: Só o Carlos, repetente por causa de faltas. Então, assim, se ele não tivesse faltas, mesmo sem saber nada, ele ia para a 2ª série, que é o caso de um monte de crianças.

Entrevistadora: Analisando o quadro da escola com muitos alunos com reprovação, com dificuldades, como você acha que isso poderia ser solucionado ou pelo menos amenizado?

Professora: É complicado, porque assim quando você fala de amenização, eu preciso de um braço que é a escola, a escola se propor a isso, e outro braço que é a família. Então assim, o comprometimento que a escola e a família têm que ter é muito grande, acho que tudo faz parte de um projeto. Na nossa escola, eu sinto falta de um projeto político pedagógico que direcione nosso objetivo.

Eu, enquanto professora, tenho um objetivo: formar um aluno assim, eu quero alunos críticos, que saibam pensar, interpretar. Aí, tem a outra professora que tem outro objetivo de aluno e isso não pode acontecer. Primeira coisa então, existe esta discrepância dentro da unidade, então assim, primeiro eu tenho que ter um objetivo comum, porque se eu tenho um objetivo comum, eu procuro meios para todos atingirem esse objetivo comum, sem partir para a minimização do currículo “ah, sabe ler e escrever, está ótimo, vai para a 5ª série”. Porque eu acho que não é esse o objetivo, se for esse o objetivo, a criança sai da 1ª e vai direto para a 5ª série, transforma-se a escola inteira em 1ª série, alfabetiza e ensina mais, menos dividir com um número só, “está ótimo”, então manda ela para a 5ª.

A escola está fugindo da responsabilidade, a escola também minimiza, quando ela fala que as crianças não sabem nada, mas espera aí! Tudo bem existe o braço da família? Existe, mas o que a escola está fazendo? Porque a partir do momento que a unidade trabalha como um todo, com um objetivo, ela tem propostas de recuperação, de ajuda paralela, esse aluno, a comunidade, ela sente essa responsabilidade, porque ela se coloca essa responsabilidade, porque ela está sendo chamada à responsabilidade, “olha não é assim, educação não é brincadeira, é a educação do teu filho, então vamos ajudar na educação do teu filho” Eu acho que é nesse sentido. Falta uma unidade, dentro da Unidade, uma unanimidade dentro da unidade, que é: qual é nosso objetivo? Como é que nos queremos que essa criança saia daqui?

A reprovação ela é necessária? Não é necessária? Nós estamos trabalhando para isso? Então essa é a questão.

Porque assim é muito fácil a gente definir o fracasso, é fácil dizer que tem muito aluno que reprova, tem muito aluno que não sabe nada, mas a gente está se propondo a não ensinar nada, também. Quando a gente diz: “Ah, sabe ler e escrever mais ou menos está ótimo!” Então estou dizendo que estou me propondo a fazer o mínimo. Então essa família vai se propor a fazer o que? O mínimo. Qual é o mínimo? Mandar à escola com mochila e caderno, quando tem. Ela vai fazer a obrigação dela e eu a minha. Então é bem por aí. Se a educação fosse só nesse sentido, ficaria muito fácil, a gente viraria fábrica e nem fábrica daria para ser, porque com certeza nossos alunos não passariam no setor de qualidade, chegaria no produto final e não tem qualidade e volta de novo, então nem fábrica daria para ser porque falta realmente objetivo. Falta um compromisso da escola com a comunidade, da comunidade com a escola, quem assume primeiro o compromisso é a instituição, a instituição tem que se comprometer para que, a partir do compromisso dela, faça com que as pessoas se sintam compromissadas também e pensem “Tenho que fazer minha parte” Mesmo porque se eu me comprometo, eu tenho porque te chamar à responsabilidade, eu falo: “Olha, eu estou fazendo, o que você está fazendo?” Então assim, esse comprometimento é o que falta. Primeiro da unidade. As pessoas falam: “Ah, você culpa muito a escola, porque eu acho que falta na escola, é comum a gente escutar “assim está bom”. Não é “assim está bom”, eu não estou lidando com papel, não estou escrevendo e assim está bom, manda para frente este texto aí. Não é isso. Estou trabalhando com pessoas. Então não é “assim está bom”. É assim que eu gostaria de ser? É essa formação com a qual eu me comprometi? Foi para dar essa formação que passei lá, fiz Magistério, fiz faculdade? Foi para essa formação de aluno? Então não precisava ter feito. Porque a gente vê muito isso. Professor cada vez com mais pedagogia, aqui na escola, por exemplo, você conta nos dedos os professores que tem só o Magistério ainda. Mas para que eu tenho um monte de pedagogo? De licenciados, se estes não se comprometem? Pós-graduação tem gente com mestrado, para que esses profissionais qualificados se na hora de mostrar, passar essa qualificação, ela não é usada? Aí eu digo: “Assim está bom, vai assim mesmo” Não funciona.

Então fracasso escolar ele é propriedade primeiro da escola, ele primeiro é um quadro geral da escola. Óbvio que tem o fator social, o familiar, óbvio, tudo isso. Mas ele começa primeiro na instituição que está abrindo mão sim da responsabilidade dela, que é o Estado. Porque eu não quero gente que pensa, não quero gente que saiba tudo, não é objetivo nosso. Porque o Estado, ele acha que ele perde com isso e é ao contrário, a sociedade só ganha quanto mais gente consciente tem numa sociedade, mais essa

sociedade ganha. Acontece que a diferença é: É um Estado que não quer ser cobrado, então aí é que está a diferença. Não é que ele não quer ter qualidade, ele não quer ser cobrado e se não quero, não posso te dar armas, instrumentos para você me cobrar depois. Se não vou estar fazendo o feitiço, virar contra o feiticeiro.

Entrevista realizada em 27 de julho de 2007

Coordenadora pedagógica

Entrevistadora: Você poderia falar um pouco sobre sua atuação como profissional da educação?

Coordenadora: Assumi a coordenação este ano, faz 4 anos que estou na rede, mas dou aula desde 1996. Dei 8 anos aula na Educação Infantil e na rede sempre peguei 1ª série, pré e 1ª série.

Entrevistadora: Você gosta de 1ª série?

Coordenadora: Sim, por conta da alfabetização mesmo.

Entrevistadora: Você, como integrante da direção da escola, o que a mesma espera das famílias dos alunos?

Coordenadora: O que a gente tem observado hoje é que a escola tem sido vista pela família como algo assistencialista. Então as mães estão transferindo a responsabilidade, muitas vezes até de educar os filhos para a escola.

Então quando a gente chama um pai, uma mãe para conversar aqui na escola, a gente está buscando formar esse pai. Mostrar para ele que ele precisa participar da vida escolar do filho, porque a grande maioria não se importa. Não procuram olhar a lição, não procuram olhar o caderno, inclusive hoje, eu conversei com uma mãe e eu expliquei para ela, fui muito clara. Eu falei: “Mãe, a professora, ela está sozinha, só ela tem buscado apresentar atividade, só ela tem pegado no pé da sua filha, só ela tem procurado fazer com que sua filha aprenda”.

A senhora precisa sentar com sua filha, a senhora precisa olhar o caderno dela, ela precisa olhar o caderno dela, ela precisa perceber o que o que ela faz aqui na escola é importante para você. Então a gente tem buscado fazer isso, abrir os olhos do pai de que não é só a nossa responsabilidade, a educação escolar é também essa questão da educação, de regras, de limites, os pais não têm colocado limites.

Entrevistadora: Então isso gera uma sobrecarga para a escola?

Coordenadora: Para a escola, com certeza.

Entrevistadora: Para que a escola conseguisse efetivar, realizar o papel dela, o que deveria ser feito?

Coordenadora: Olha, a família precisa, eu acredito que em casa, os pais precisam dar a devida atenção aos filhos, no sentido mesmo de colocar as regras, colocar os limites, de entenderem a importância da escola.

Entrevistadora: No caso, você acredita que situações em que pai e mãe trabalham fora, interfere na vida escolar do filho?

Coordenadora: Não necessariamente, mas o que a gente percebe assim é que a grande maioria dos pais não participam porque ficam fora o dia todo também. Isso é um fator sim, mas em algum momento eles precisam ficar ali com o filho, independente do trabalho, mesmo que seja no final de semana.

Entrevistadora: Aqui no Nova América, você percebe algum tipo de relação da situação social, especificamente do presídio, com a aprendizagem das crianças?

Coordenadora: Eu acho que essa questão da violência, acho que não é o fator principal não. Eu acho que talvez é a falta de conscientização mesmo dos pais, óbvio que a gente sabe que a família mexe com alguma coisa excusa, que a criança sofre violência em casa ou vê violência, ou tem a questão da droga, mas a gente percebe que não que não é só isso, esse é um dos fatores que atrapalha na aprendizagem das crianças. Não é. Mas faz parte e a gente tem que saber lidar com isso, porque tem que na medida do possível estar tentando ajudar essa criança, se ela vê violência ou sofre violência.

Nós tivemos um caso de um aluno que perdeu o irmão com tiros, o Gustavo. Esse aluno, o comportamento dele era assim, fazia de conta que estava assaltando, olhava para as crianças e fazia gestos, falava: “Mãos para frente, mãos para frente”. Então, por quê? Porque ele provavelmente estava vendo coisas, né? Coisas do irmão, só que ele viu também o irmão morrer. Isso foi um pouquinho antes do recesso, você percebe assim que ele parou com essas brincadeiras, de armas, tudo era arma para ele, tudo era arma, tudo era “alto”, gestos que ele fazia e agora diminuiu, parou na verdade. Então o que a gente faz, qual o nosso papel? É procurar ajudar o Gustavo, procurar dar confiança para ele, de que ele vai aprender, vai fazer alguma coisa legal. E esse tem sido o nosso papel.

Entrevistadora: Aqui na escola o que estaria provocando esse fracasso escolar (reprovação e evasão)?

Coordenadora: Eu acredito que vários fatores, a questão da pobreza, da violência, interfere, a falta de interesse dos pais, interfere. A criança às vezes, tem algum problema neurológico, cognitivo, interfere e a falta de interesse do professor, também interfere. Então o professor ele precisa acreditar naquela criança que não aprende é o que eu acredito.

Entrevistadora: Isso se relaciona ao fato de logo do início do ano o professor determinar como será a situação do aluno no final do ano?

Coordenadora: Sim, exatamente. Quando vejo aquela criança que apresenta distorção idade-série, então tenho tentado mapear a escola. De que forma? Por que essa criança reprovou? Então eu vou tentar buscar, se a causa é familiar, se a causa é problema neurológico, cognitivo, algum déficit, se precisa de encaminhamento. Isso tudo, ou se ela não aprendeu porque o professor não ensinou da forma como deveria, nè? Então é o que eu tenho percebido. Às vezes o fator social, interfere muito, mas aí o professor ele precisa ter a disponibilidade de quebrar essa barreira. Quando é problema neurológico, cognitivo você consegue fazer com que aquela criança avance, mas ela vai avançar no ritmo dela, então enquanto ela estiver avançando, ótimo. Mas quando o problema é social, que aquele aluno ele não tem apoio da mãe, do pai, às vezes não tem a mãe e vive com a avó, vive com o tio e ele não tem interesse pelo estudo e aí entra o papel do professor de acreditar nesse aluno e se o professor não acreditar nesse aluno e ele ficar lá no cantinho da sala, ele vai ficar sem aprender.

Entrevistadora: E isso poderia gerar uma indisciplina que poderia também prejudicar a aprendizagem?

Coordenadora: Sim, eu tenho caso, a professora Cláudia. Ela chegou na escola esse ano. Já havia dado aula e nós temos o aluno João aqui. E ele é um aluno que não é indisciplinado, mas ele consegue tumultuar e tirar a paz da sala, com gracinha, com risadinha, tirando sarrinho.

Esse ano a professora Cláudia, falou para ele: “Rapaz, você vai aprender. Ah, você vai” Então a mãe, ela é analfabeta, eles vivem num barraquinho lá embaixo, ele faz PETI, então, mas a professora Cláudia, ela conseguiu quebrar uma barreira no aluno, pois ela conseguiu alfabetizar ele. Entendeu? E ela não desistiu e várias vezes ela chegava na minha sala: “Cris, eu não estou mais agüentando aquele menino, vai lá!”.

Eu falava: “Calma!” E levava ele para minha sala, pegava no pé dele, conversava com ele, dava aquelas broncas, mas mesmo tomando várias broncas, eu percebi assim, que ele sabia que ela tinha interesse por ele, sabe? Tanto é que ele falou em casa. A mãe

dele veio aqui uma vez na escola e aí eu aproveitei e falei muita coisa para a mãe ela falou assim: “Olha, o João chega em casa e fala assim para mim ‘Mãe, minha professora está me ajudando! Ela está me ajudando, eu vou ler, vou ler e escrever!’” Então a professora Cláudia, ela acreditou no João e ele está alfabetizado.

Entrevistadora: Então são vários fatores interferindo, mas na escola o professor com o trabalho, com ajuda, ele pode estar quebrando essas barreiras produtoras do fracasso?

Coordenadora: Isso. Mas o professor ele não pode estar sozinho e aí entra o apoio nosso, mesmo, no sentido de ir separar atividades para o aluno. Falei para o professor “Qualquer coisa Cláudia, leva ele para minha sala, eu também faço como ele atividade, sabe?”.

É aquele negócio, ela tem uma sala inteira para se preocupar, então o que eu tenho feito? Eu tenho buscado as atividades, vou xeroco, entrego bonitinho, pego no pé daquela criança, vou lá olhar o caderno, vou ver se ela fez a lição, por quê? Para que eu possa compartilhar com a professora essa missão mesmo de fazer com que aquele aluno avance, sabe? Elas não estão sozinhas.

Entrevistadora: Quando chegar no final do ano, não vai aprovar por idade se já reprovou?

Coordenadora: Exatamente. É, claro que a gente tem o peso da secretaria. Porque a secretaria exigiu numa reunião, falou que o índice de repetência tem que ser de 3% na rede inteira. Então quer dizer o que? Ela está sendo bem clara: “Não reprove”. Não é para reprovar. Ficamos nesse impasse, porque nós aqui na escola a gente não quer passar aquele aluno que não está preparado, porém existe uma pressão de que a escola não pode reprovar. Só que é aquele negócio, a gente com essa questão da inclusão, tem aluno que é Down, tem aluno que tem deficiência mental na escola. Esse aluno porque vou reprová-lo? Tem essa também.

Entrevistadora: Ele não pode se avaliado da mesma forma que ocorre com os outros alunos?

Coordenadora: Exatamente. Tem alunos lá na 2ª série que fazem parte da saúde mental no CIER, já reprovaram 3 vezes a 2ª série e eu me pergunto assim: “Gente, por que estão reprovando esses alunos, se eles estão no limite deles?”

Entrevistadora: Se há um trabalho diferenciado, eles devem ser avaliados de acordo com este?

Coordenadora: Então, talvez, esses alunos eles não vão depender da alfabetização para ganhar dinheiro, para viverem. Eles precisam aprender um ofício para que eles possam tocar a vidinha deles, se eles dependerem da alfabetização eles não vão conseguir.

Entrevistadora: Precisa-se definir outros critérios de avaliação para esses alunos?

Coordenadora: Sim, hoje ele não está alfabetizado, porque ele tem essa limitação, mas talvez ele tem uma habilidade manual muito boa, então a gente tem que explorar essa habilidade para que ele possa desenvolver algo que seja benefício para ele, na vidinha dele. Nós temos a aluna, a Aline da 4ª série, ela esquece como que escreve o nome dela, ela já é uma mocinha, tem 13 anos e ela não está alfabetizada, não sabe ler, não sabe diferenciar número de letra, começa a contar 1, 2, 7, 9, 15, ela conta assim. Então ela é uma criança, agora adolescente que não vai poder depender da alfabetização para ter um emprego e tudo mais. Ela vai precisar aprender um ofício, porque talvez ela tenha essa dificuldade, mas sabe fazer alguma coisa e a gente tem que procurar saber o que ela sabe fazer e desenvolver isso.

Entrevistadora: O que poderia ser feito na escola que poderia amenizar o problema do fracasso escolar?

Coordenadora: Olha só, o professor sabe hoje, aqui na escola de que ele precisa fazer atividade paralela e não é fazer de conta que está fazendo não! Porque isso a gente tem olhado, a gente tem cobrado. Temos dado todo o amparo, todo o apoio, eu tenho os gráficos de todas as salas do começo até o final do semestre, então a gente senta, analisa porque esses alunos ainda não estão avançando. Do que as professoras estão precisando? “Ah, eu preciso disso e disso”. Então a gente vai correr atrás, mas eles precisam avançar de alguma forma, então quando comecei a mapear a escola, foi legal ver que tinha vários alunos que não estavam no nível da série, mas que também não se estava fazendo atividade paralela, então o que se estava fazendo dentro da sala?

Fomos retomando tudo isso, vamos retornar. Precisa fazer atividade paralela na sala, as crianças de 1ª série nesse semestre vão fazer grupo de apoio, as professoras vão pegá-las na sala duas vezes por semana, por quê? Porque as meninas avançaram até agora e percebemos que teve aluno que continuou pré-silábico, silábico com valor e sem valor. Dessa forma, já vamos colocar no grupo de apoio porque a professora vai trabalhar na sala atividade diferenciada com eles e eles ainda vão ter a ajuda do grupo de apoio.

Se eles não evoluírem, vamos ter que parar de novo e pensar: o que aconteceu, já que eles foram para grupo de apoio? Então é caso para CIER? Ou por que houve um déficit de atenção, de aprendizagem? Daí a gente vai ter que voltar, analisar. Estamos por

enquanto na ação, no Conselho elas passaram o problema e agora nesse semestre a gente vai tentar resolver e aí veremos o resultado, dependendo de como for, ótimo, se não for de acordo com o que a gente esperava, vamos buscar então outra forma.

Entrevistadora: Então aqui na escola existem muitos alunos com distúrbios de aprendizagem, doenças que estariam interferindo na aprendizagem?

Coordenadora: Sim, tem distúrbio de aprendizagem, tem criança com a questão do problema da fono, tem criança com Síndrome de Down, a gente tem uma criança no 1º ano que tem a Síndrome do X frágil.

Entrevistadora: X frágil?

Coordenadora: É, é uma síndrome, esta é passada pela mãe, geralmente para o menino e a criança não tem noção nenhuma de regras de conduta, de socialização.

Entrevistadora: Ele não chega a aprender (alfabetizar-se)?

Coordenadora: Não, ele não escreve, não registra, embora a gente esteja conseguindo buscar alguma coisa, mas ele morde, tira a roupa, morde o colega, toma a água do vaso sanitário, se deixar. Não fala, a linguagem é totalmente comprometida. Você fala: “Oi Lucas!” Ele repete: “Oi Lucas!” Ou: “Lucas, por que você mordeu?” Ele: “Lucas, por que você mordeu?” Ele repete. Não tem raciocínio, sabe? Então, essa criança a gente tem o quê? O CIER está se empenhando, porque provavelmente ele irá estudar lá, mas até que isso aconteça, o que eu pude fazer para essa professora? Colocar uma estagiária com ela.

Entrevistadora: Justamente isso que eu ia perguntar.

Coordenadora: É, porque ele rasga as folhas, pega o colega, machuca mesmo, de machucar, morder forte, ele não tem noção nenhuma de regras de conduta. Se deixá-lo andando por aí, ele vai embora. Então, tem uma estagiária lá com essa professora. E o que ela tem feito? Registrado todos os comportamentos dele, sendo que ele só faz alguma coisa se estiver sozinho, isolado, junto com o grupo ele não faz.

Entrevistadora: Então tem que tirar ele da sala?

Coordenadora: Tem que ir para minha sala, eu e ele. Sentadinho ele carimba, pega o lápis, tenta pintar, na sala ele não faz nada, só agride. Então temos todos esses casos, nos quais temos buscado formas de auxílio para o professor, porque a escola também está sozinha, a prefeitura não vai dar a estrutura necessária para nos auxiliar nesses casos.

Entrevistadora: Tem que ser resolvido internamente. Tem atividade extra-classe, como os projetos, além do reforço, né?

Coordenadora: Isso, tem o projeto Xadrez, Teatro, Sala de leitura, mas o Sala de leitura, agora está diferente. Mas estes contribuem, porque a gente sabe que aqui o teatro é muito forte. Eles adoram. E isso ajuda no desenvolvimento e na sala de aula eles vêm com muito mais segurança. O projeto Xadrez, também é muito legal, a forma como acontece na escola. Então assim, a gente está com um grupo de professores que são excelentes.

Entrevistadora: Há uma grande demanda de alunos, as salas estão bem cheias, com 30 e poucos alunos e esse fato tem também relação com a aprendizagem?

Coordenadora: Também. Se for olhar, eu dei aula aqui em 2004, as salas eram bem mais cheias, então quer dizer, houve uma evolução. Hoje as salas que estão mais cheias são as 4ª séries, mas as salas de 1ª, 2ª, 3ª, estão aí com 30 alunos, 32 no máximo, estorando. Por exemplo, o 1º ano, temos apostado muito no trabalho que as professoras estão fazendo.

Entrevistadora: 1º ano inicial?

Coordenadora: Isso, porém percebemos que vamos esbarrar nessa questão das salas. Por que? O ideal é ter 28 alunos, não temos mesa suficiente, cansamos de mandar ofício e MI para mandarem pelo menos um mobiliário adequado, as meninas estão sem as mesas, cada dia chegam mais alunos, mais alunos, mais alunos. Então quer dizer, as salas estão cheias, já se perdeu a caracterização, as meninas já estão tendo que apagar o incêndio, por quê? A sala cheia, não tem mobiliário suficiente, então olha só como isso já vai prejudicar o desenvolvimento dessas crianças. Porque o professor por mais que ele se esforce, além da aprendizagem daquela criança com quem ele se preocupa, ele tem que se preocupar com a sala cheia,, com a falta de atenção dos alunos, porque elas estão trabalhando com cantinhos, então a sala está cheia, está agitada, ela tem que acalmar e passa a maior parte do tempo tentando preparar atividade, tentando acalmar as crianças, organizar, colocar todo mundo sentado do que propriamente desenvolvendo atividade.

Entrevistadora: Tem algum critério para a formação das salas?

Coordenadora: Não, a gente pede na secretaria só para não colocar junto aqueles alunos indisciplinados, que passaram o ano inteiro dando trabalho, então nas salas do ano seguinte a gente pede para separar , mas nunca separando em nível de conhecimento.

E às vezes também tem problema de indisciplina, mesmo com as salas que não estão cheias, isso faz parte da nossa rotina. No começo do ano a gente fez assembléia de

escola, eu andei lendo, gosto muito da escola da Ponte e propus à escola. Fizemos no início do ano uma assembléia geral, então as crianças sabem que todo professor tem seu caderno de ocorrência, se ela fizer algo que não está de acordo com o Estatuto do ECA e nem com o Regimento escolar, vai ter uma punição, uma sanção para isso. Então dependendo do que fizer, tem uma repreensão oral, se continuar persistindo no comportamento, assina a ocorrência em sala, se continuar vai para minha sala e assina novamente, agora no meu caderno. Caso continue, chamaremos os pais e estes vão assinar a ocorrência. Não havendo mudança de comportamento, será acionado o conselho de escola. Então assim, dependendo do que ela fizer, se ela estuda de manhã, tem que vir à escola a tarde com atividade pedagógica, no caso, estudando. Ou fazendo alguma lição que não foi feita, porque a criança que tem problema de indisciplina, a maioria não faz as lições. Então fica aqui fazendo a lição.

Nesse semestre que passou, um aluno ficou aqui à tarde fazendo lição que não fez na sala e nunca mais passou pelo mesmo problema.

Então assim, a gente faz cumprir aquilo que colocamos em assembléia, tem a comissão de ajuda, cada sala tem um representante, a cada mês ou bimestre ou pelo menos uma vez no semestre, tenho que fazer uma reunião com todos os representantes. É legal porque quando faço a reunião com todos os representantes, acabo sabendo de coisas que acontecem na sala e que não chegam até a gente. E ali eles falam: “Tal aluno fez isso”. E eles geralmente têm uma missão, cada um tem uma responsabilidade.

Entrevistadora: São alunos escolhidos na sala?

Coordenadora: As professoras fizeram uma eleição na sala. Então hoje mesmo, fizemos uma assembléia, reunimos todas as crianças da escola e colocamos, retomamos algumas coisas, cuidado, responsabilidade do representante, se este está olhando o colega, para este não desperdiçar comida, não jogar lixo no chão. Então temos buscado formas para diminuição da indisciplina e diminuiu bastante, né Joana?*

Joana: Sim.

Coordenadora: Tem o paredão, também. Correu no recreio vai para o paredão, fica sentado no banco azul que tem ali. Por que? Porque no recreio eles têm o cara-a-cara, quebra-gelo, basquete, jogos de mesa, jogos de montar, corda e bambolê. Então eles não têm motivo para correr. Então se correu, vai para o paredão.

*Havia entrado uma professora no local da entrevista.

E está tranquilo, alguns já foram sim para o paredão, porque daí ele fica mais três dias sem brincar no recreio e parando de correr, vai poder brincar normalmente. Porque antes corria porque não tinha o que se fazer, então a gente conseguiu fazer de uma forma que as professoras podem vir, sentar, tomar um cafezinho e eles estão lá brincando. E na verdade, sempre fica alguém da direção, ou eu ou a diretora ou a vice-diretora. Eu tenho um apito (risos). Eu apito e eles até param de correr, porquê? Porque ali eles têm vários recursos agora. Então não tem porque correr, então recebo poucos alunos devido à indisciplina, acabou essa história de aluno todo dia, todo dia, na diretoria, pouquíssimas vezes.

Diretora

Entrevistadora: Há quanto tempo atua na área da educação e especificamente na direção de escola?

Diretora: Estou na educação há 12 anos, já estive em gestão de escola privada, na coordenação. Na rede estou há 2 anos na direção também e assim são realidades diferentes, privada e pública. É o que estava conversando ali, eu estava até comentando a respeito da diferença: Por que na escola particular em geral os alunos vão melhor?

Entrevistadora: É a grande questão!

Diretora: É, eu trabalhei em grandes escolas, de nome e a gente até prefere não dizer o nome. O diferencial realmente é o não abandono do tradicional, não abandonar aquilo que é certo, porque o construtivismo fala para você reestruturar melhor as coisas. Porque hoje o nosso problema de indisciplina está totalmente ligado à aprendizagem, já que uma vez que o aluno tem dificuldades de ler e escrever, aquilo ele demonstra através do seu comportamento. Isso é certo,

entendeu? Então, assim, o que a gente percebe é isso. Na escola particular, a família quando ela paga, valoriza mais, então ajuda mais também, motiva, ela é presente em casa. Então a nossa maior polêmica hoje é essa. A família jogar toda a responsabilidade para a escola. Até a responsabilidade de valores, de valores que são da família, hoje eles jogam para nós trabalharmos, né? Então, hoje a nossa carga ela é bem maior, sem falar também que aqui na escola a maior parte dos pais também trabalham fora.

Essas crianças, a maior parte delas ficam sozinhas ou com vizinhos, quando não ficam na rua ou na televisão. O pai chega à noite, muitas vezes não lê nem os bilhetes que eles levam. A situação realmente é difícil porque os pais estão muito ausentes na escola.

Agora, a última vez que houve reunião de pais, de fechamento de semestre, para motivar a vinda dos pais, nós fizemos o sorteio de uma cafeteira elétrica. Quer dizer, é obrigação do pai vir à reunião, mas para o pai poder vir na reunião nós estamos motivando.

Entrevistadora: Pensando estratégias que atraiam os pais?

Diretora: É, e para a próxima reunião já avisamos que vamos sortear outra coisa para eles, outro prêmio para quem vier.

Entrevistadora: E deu certo? Vieram mais pais?

Diretora: Vieram, só que entre somente os participantes foram sorteados, os pais que vieram, os pais presentes na reunião. Então, a gente percebe que temos que lançar mão de diversos recursos para que tenhamos os pais presentes na escola, se não motivar a gente não consegue mesmo.

Entrevistadora: E o que a escola espera dessas famílias?

Diretora: Olha, a gente espera que eles realmente respeitem o trabalho do professor, que muitas vezes percebemos que não se respeita mais o trabalho do professor, não mostra interesse, não mostra que valoriza o trabalho do professor e assim a criança automaticamente também não valorizar. Necessita motivar a criança e faça seu papel, no sentido de ler os bilhetes, de acompanhar o caderno da criança, uma vez que ele vê que a criança não está fazendo a lição, ele vai questionar e tem hora que eles não estão se interagindo da realidade, esse está sendo o nosso grande problema.

Outro problema que a gente tem também hoje é o seguinte: Muitos pais não sabem ler, então eles não têm como se interar e nem ajudar os seus filhos. Mas este, não digo que é o maior, o problema maior mesmo é a ausência dos pais e não colocar a educação como prioridade na vida dos filhos, porque eu acho que quando você coloca como prioridade você arruma um tempo, já que muitas vezes eles não lêem nem os bilhetes dos pequenos do 1º ano, porque nós temos aqui o ensino de 9 anos.

Diversas coisas que foram feitas estou aqui nesta escola a partir de junho, então não estou há muito tempo aqui, mas quando entrei ocorreram alguns eventos que estavam, inclusive, marcados. O que percebo, então, é que muitos pais não sabiam, porque não se interagiram do bilhete que é colado no caderninho deles. Mesmo porque eles sabem que nessa fase, as crianças têm dificuldades e eles precisam estar auxiliando, pois essas não têm responsabilidade, aquele domínio de comunicação como os maiores têm. Essa é a nossa dificuldade, sintonia dos pais com a educação, não existe.

Entrevistadora: Então para que a escola cumpra o papel dela, precisa do papel dos pais. No que se refere a questão do contexto social, nesse bairro existe um presídio. Você vê alguma reação disso com a aprendizagem dos alunos?

Diretora: Muita, tem muita interferência, inclusive, estou fazendo uma parceria com a guarda municipal e embora o projeto tenha praticamente acabado na rede porque tivemos um corte com o patrocinador do projeto, a gente se responsabiliza até de patrocinar o projeto na nossa escola para que ele aconteça. Exatamente porque nós temos muitas crianças aqui que têm irmãos no mundo do crime, presidiários, pais, mães. Temos diversos casos de alunos que têm o crime como exemplo dentro da própria casa. Então saber trabalhar com isso da forma que é, eles tenham como exemplo negativo e não como positivo essa é a nossa preocupação.

Temos também problemas relacionados à sexualidade, pelo fato de muitas vezes essas famílias serem mal estruturadas em função dessas vierem por causa do presídio, das visitas e fica metade da família na cidade de origem e a outra metade aqui. E essas crianças muitas vezes são prejudicadas, porque elas mudam muito. Muitas vezes estas não têm referenciais, nem valores da família como eu disse à principio. Temos criança de 4ª série que tem filho em idade de 11 anos. Temos umas situações, como alunos envolvidos com drogas e não é 1 ou 2. São coisas que temos trabalhado, mas é coisa que falta na família, da família estar vendo. Existem crianças que temos nos interado que falta muito na escola e ao apurarmos, a mãe acha que está na escola, mas está em “boca”, então o nosso maior problema hoje é de novo e você vê mais uma vez a falta de sintonia da família com a escola.

Precisa dar ocupação para esses jovens.

Entrevistadora: No período oposto ao de aula?

Diretora: No período oposto, a gente tem o teatro e abrimos para as crianças do Estado, porque aqui vai só até a 4ª série, para que eles realmente tenham opção para não ficarem na rua. Eles vêm aí com a professora do teatro.

Entrevistadora: São ex-alunos da escola que estão na 5ª, 6ª, 7ª série?

Diretora: Isso, aqueles que têm interesse vêm à escola sem problemas, permitimos até com essa preocupação. Vai ter o Xadrez, agora também, vai ser aberto, abrimos a escola para a comunidade, para jogos, para usarem as quadras, enfim para o que precisarem. Exatamente para auxiliar nessas questões sociais. Tentamos fazer o nosso papel enquanto escola, mas o problema é que além do nosso, temos que resgatar valores que são da família. Então estamos muito atribulados, porque o pessoal tem uma idéia de

escola como depósito, onde se joga a criança e depois estas serão transformadas e não é assim. A gente consegue sim a transformação, mas com a ajuda dos pais, porque a maior parte do tempo, da vida eles passam em casa. A escola é muito importante, mas é um segundo subsídio, podemos dizer.

Entrevistadora: Na escola o que poderia ser feito para diminuir as dificuldades dos alunos, visto que o fracasso é uma realidade no país inteiro, não só em Hortolândia ou aqui no Nova América, mas um problema do Brasil em geral, no caso dessa especificidade que você falou o que poderia ser feito para minimização desse fato?

Diretora: Além da participação dos pais, os professores tem que ter o compromisso, apesar de sabermos as inúmeras desmotivações. E também não desprezar o que é certo, o construtivismo é muito importante, mas o que eu estou vendo é que está atrapalhando muito na educação, larga-se o que é certo, o que tenho segurança, pelo que não se sabe ainda trabalhar. A verdade é essas. Porque o construtivismo diz para trabalhar de forma diferenciada, dando mais oportunidades ao aluno e não da forma como estamos vendo. E a aprovação em massa, quem não está apto, não tem que ser aprovado. Porque, o que está acontecendo: chega no final dos ciclos, os alunos estão em situações irreparáveis e tem que aprovar esse aluno? Até que ponto? E isso está refletindo no nosso país e na educação em geral, nos vestibulares, nos empregos. Atualmente nós temos empresas em nossa cidade, nas quais foram concedidos inúmeros benefícios para instalação das mesmas em nossa cidade pelo prefeito e não tem mão-de-obra qualificada para ocuparem os cargos. Precisamos então aprimorar a qualidade de ensino, e aprimorar o que há de mais simples, no ensino que a gente sabe que é o básico, é o fundamental, não o desprezando e voltar ao tradicional mesmo, não adianta querer desprezar o tradicional, porque sabemos que quando estamos com problema é a ele a que recorremos.

Entrevistadora: É o que dá certo?

Diretora: É e motivar a leitura porque os nossos alunos hoje mal lêem, temos que aplicar mais na biblioteca da nossa escola e motivá-los a frequentar a biblioteca.

Entrevistadora: A biblioteca está funcionando normalmente?

Diretora: Colocamos para funcionar de novo, e vamos propor a abertura desta para a comunidade em geral, que seja um espaço, sendo importante motivar essas pessoas, ensiná-los a verem na biblioteca o lazer, um local, uma opção de lazer. Propomos que juntamente aos professores, resgatemos o que é principal e que está se perdendo. Vemos que muitos alunos chegam na 4ª série sem estar alfabetizado e que não deveria acontecer porque estes estão sendo aprovados em massa na 1ª e 3ª série.

Entrevistadora: E acaba indo para a 5ª...

Diretora: É, e indo com dificuldade. Muitas vezes se questiona a qualidade do ensino e aí é complicado porque o sistema está complicado.

Entrevistadora: Na escola existem muitos alunos com diagnóstico de doenças que estariam interferindo na aprendizagem?

Diretora: Tem, temos muitos alunos especiais, diversos alunos com síndromes diferentes, temos vários deficientes mentais e muitos com problemas psicológicos, vindos de famílias separadas, enfim, problemas familiares que refletem.

Fomos interrompidas.

Diretora: Me perdi.

Entrevistadora: Sobre os distúrbios...

Diretora: Isso, temos muitos.

Entrevistadora: Esses alunos foram encaminhados para atendimento especializado?

Diretora: É feito um trabalho paralelo, temos um convênio com o IASP (Instituto Adventista de São Paulo), que faz um trabalho com esses alunos, em parceria com a rede municipal e temos também o CIER, que é o Centro de Reabilitação aqui da rede com os especiais, tem diversos especialistas para trabalharem essas especialidades. O que acontece hoje é que os professores não estão preparados e foi feita uma reestruturação na rede de Hortolândia, na qual a secretaria resolveu colocar todos os especiais, dentro da rede, fazendo aí a inclusão, sem preparar os professores. Somente os autistas estão no CIER, só que agora, tiveram que voltar atrás, porque nós temos a síndrome do X-Frágio, por exemplo, que é uma síndrome que nem todo mundo conhece.

Trata-se de uma síndrome diferente, nem os profissionais sabem muitas vezes lidar com ela, sendo muito parecida com o autismo. Geralmente é hereditária, na família sempre é mais de uma pessoa que tem, embora difícil de acontecer, acomete a pessoa de uma forma que esta nunca vai chegar à normalidade, sempre próxima. O indivíduo não tem muita noção das coisas, não tem noção do mundo em que está, vivendo em outro mundo, como os autistas.

Percebemos que isso também está sendo colocado de maneira irresponsável, esse negócio de inclusão na escola sem preparar os profissionais. Porque uma coisa é você falar assim, mas eles têm que correr atrás, dar condições para esses profissionais correrem atrás desse conhecimento. Muitos profissionais dobram período e o que eles ganham num período não é suficiente.

Entrevistadora: Precisa-se dar condições para esses profissionais...

Diretora: Dar condições para os profissionais, capacitá-los, oferecer cursos, porque assim a gente não tem capacitação aqui na rede para trabalhar inclusão, a gente não tem, e eles estão sentindo essa necessidade. A Linguagem de Sinais, por exemplo, a maior parte dos professores não conhecem. Um dos maiores problemas da educação hoje é essa inclusão que está, acontecendo de forma irresponsável.

Entrevistadora: A organização das salas tem algum critério?

Diretora: Não, o que acontece é o seguinte: tem alunos da 4ª série que não estão no nível da sala, então fez-se um remanejamento e o aluno freqüenta como ouvinte uma 2ª série, entrando naquele ritmo ali. O que adotamos para este semestre é o caderno de registro de atividades diferenciadas, já que temos o de planejamento que é recolhido mensalmente, e naquele serão colocadas as atividades trabalhadas além daquelas do planejamento que são conteúdo da sua série. Resolvemos fazer isso devido à heterogeneidade muito grande nas salas, então se deve fazer esse trabalho diferenciado, pois acredito que o remanejamento não é muito legal em alguns aspectos, este constringe as crianças.

Entrevistadora: Devido à idade do aluno que com 12 ou 13 anos tem que freqüentar uma 2ª série?

Diretora: É, não é legal. Quando entrei já tinha e a gente voltou atrás, pensando no psicológico da criança e como o psicológico é tudo na aprendizagem, então temos voltado atrás e, portanto estamos solicitando o registro obrigatório. Tem-se que apresentar esse caderno de atividades diferenciadas no final de todos os meses para vermos quais são os alunos que devem ser analisados, como a atividade foi trabalhada e isso paralelamente ao caderno de planejamento que é separado. Então, quanto às classes, nos primeiros anos trabalha-se em mesas coletivas, as primeiras séries ficam à critério do professor, algumas trabalham com cantinhos, a maioria.

Entrevistadora: A forma de trabalho do professor é a critério de cada um?

Diretora: Cada um de acordo com sua metodologia, respeitamos, a escola não impõe.

Entrevistadora: Pretende continuar na escola?

Diretora: Pretendo, gostei da escola, a equipe é muito boa.

Professora da 4ª série

Entrevistadora: Poderia falar um pouco sobre sua vida profissional, há quanto tempo dá aula?

Professora: 15 anos.

Entrevistadora: E na 4ª série?

Professora: Comecei com 4ª série e trabalhei três anos seguidos, depois peguei uma 1ª, 3ª, 4ª, 4ª, 1ª, 1ª, 3ª, 3ª e agora 4ª de novo.

Entrevistadora: Então você está com essa série por opção?

Professora: Sim, gosto de 4ª série, nunca dei aula para 2ª, porque tenho medo, não gosto.

Entrevistadora: Você tem quantos alunos?

Professora: Trinta e um monte, sai e entra aluno, está um rodízio, só que nessa sala eu estou substituindo.

Entrevistadora: A sua sala é à tarde?

Professora: Isso, minha sala é uma 3ª.

(Olha no diário).

Professora: São 33 alunos.

Entrevistadora: E aqui na sala tem alunos com histórico de reprovação, com número de distorção idade/série muito elevado?

Professora: Aqui tem tudo.

(Houve uma interrupção).

Entrevistadora: Tem muitos alunos então?

Professora: Nessa sala é o que mais tem.

Entrevistadora: Você acha que esses alunos estão nessa situação por qual motivo?

Professora: Tem três que freqüentam CIER, um não passou ainda, outro tem efeito da explosão de Chernobil, daquela usina nuclear em 80 e pouco e depois na mesma época teve uma explosão de Césio no Mato Grosso, acho, em Goiás. Então a mães dessas crianças foram todas afetadas e eles nasceram com problemas.

Tem muita criança com problema de aprendizagem, muita mesmo. A classe aqui tenho mais criança com problema de aprendizagem sério do que na 3ª série, muito mais, está complicada a situação.

Entrevistadora: Essa sala não foi formada intencionalmente, né?

Professora: Não, aconteceu.

Entrevistadora: Você sente a ausência da família?

Professora: Bastante.

Entrevistadora: Caso estes fossem mais participativos, a situação poderia estar melhor?

Professora: Eu peguei essa sala no dia 21 de maio, eles estavam com outra professora, mas na verdade essa sala aqui é uma complicação, porque é da professora Maria. Esta estava de licença gestante, votaria depois do recesso, ficou no lugar a Lourdes, eu estava substituindo outra sala e a professora ia voltar, então pedi para segurar essa sala porque tinha possibilidade da professora Maria não voltar, porque ela estava com o bebê. Sugeri e a professora me pediu para assumir a sala, mas eles não têm conteúdo, não é questão só de aprendizagem. Eles não têm pré-requisito para 4ª série, a grande maioria. Tem aluno com muita falta, 30, outro com 24, 10, 11 faltas, quando você comunica às mães, manda aquele papelzinho de comunicado de falta, tem mãe que assina e mesmo assim a criança não vem à escola. Convoca-se a mãe para vir conversar e ela não aparece, ou mesmo quando a mãe vem, assina relatório e a criança continua faltando. Então tem problema familiar, tem problema de descaso da própria instituição. Acho que a educação está entrando, infelizmente, num processo de falência, ninguém se preocupa com o aluno, principalmente o de periferia, porque o aluno rico tem escola particular, o pai paga. Então a criança na 1ª série é alfabetizada, na 2ª se precisar, reprova, o pai tem que comprar material.

Aqui a prefeitura dá um agasalho, um estojinho com três, quatro coisinhas dentro e o pai sente que o prefeito é um amor de pessoa, está fazendo de tudo. Nessa escola tem mofo, tem vazamento e o pai está agradecido, está ótimo, tem uma merenda que não é de péssima qualidade, mas também não é uma merenda de qualidade.

A 3ª série automaticamente passa de ano, tenho aluno pré-silábico na 4ª série, tem aluno que acabo de explicar, e ele não lembra o que acabei de explicar. As famílias, os pais mais presentes, os alunos vão melhores sim. A família é importante, porque o pai está pegando no pé, às vezes a criança não aprende direito, mas o pai está ali cobrando dele, ele pelo menos tem força de vontade.

Quem leu a lei pela 1ª vez interpretou do jeito que quis, porque não entendo a lei do jeito que passam para mim. Não pode reprovar, a progressão continuada, não existe na prática, porque ela existe na teoria. Como vou garantir a progressão continuada para esses alunos se eles não sabem nem o que eles estão fazendo? Não sei como era a situação deles o ano passado, acho que a progressão continuada tem que partir do educador, por isso acho que o professor tinha que continuar com o aluno na série seguinte, até talvez funcionaria.

Entrevistadora: Há relação do contexto do bairro com a aprendizagem dos alunos? Lembrando que aqui no Nova América tem o presídio...

Professora: Não, tem pais que estavam presos, mães que estavam presas, mas a maioria não é isso. O presídio está ali, mas a maioria da população carcerária não é de Hortolândia, 70% vem de fora.

Entrevistadora: Mas essas famílias não deslocam-se para cá?

Professora: Não, a maioria não, a maioria dos alunos aqui estudei com os pais, já dei aula para o pequenininho da 1ª série, o Pedro, por exemplo, já dei aula para o irmão dele na 4ª série, em qual série seu irmão está agora?

(Pergunta ao aluno).

Aluno: Está no 2º ano.

Professora: Entendeu? Não é isso, dei aula para o irmão dele na 4ª série e ele já está no 2º ano, estou dando aula para ele agora. Tem criança aqui, que estudei com o pai na 7ª série, hoje os filhos são meus alunos.

Entrevistadora: Então não tem nenhuma relação com o presídio?

Professora: Não, não tem relação nenhuma, a maioria do pessoal, pelo menos que eu conheço, que já trabalhei, nasceu e cresceu no Novo Ângulo e a maioria da população carcerária do Ataliba Nogueira é de fora, não é de Hortolândia. Tem os presos que sabemos que são daqui, mas é um caso ou outro.

Entrevistadora: Mas essa família que vem de fora, os filhos não estudam aqui?

Professora: Não temos filho de fora, não que eu saiba, que veio para cá porque o pai está preso.

Entrevistadora: Essa relação do presídio com a escola então não existe?

Professora: Não, vejo assim, mesmo porque minha clientela sempre foi daqui. Tem caso de alguma criança que vem de fora, por exemplo, do DIC, já tive aluno do DIC que veio fugida para cá, a família veio escorraçada, estava ameaçada. Tem esse caso, mas caso em que o pai está preso e por isso a família veio para cá, eu nunca tive aluno assim. A maioria nasceu aqui, muitos conheço o pai desde que eu era adolescente, vi crescer, entendeu?

Entrevistadora: A violência doméstica, o fato dos pais trabalharem fora interfere na aprendizagem?

Professora: O que eu acho que interfere mesmo na aprendizagem do aluno é o fato de família, essa coisa do Estatuto do menor e do adolescente, do Conselho Tutelar aqui em Hortolândia, estou falando de Hortolândia, aqui é assim; a mãe chama a atenção do filho várias vezes e às vezes dá uns tapas e a criança pode denunciá-la. A lei que foi criada para proteger a criança está transformando-a num futuro marginal. A criança não tem

limite nenhum, eles podem fazer tudo e ninguém pode pará-las, a escola não pode, eles falam palavrão para professor, xingam professor, ameaçam professor e tudo de bom! Porque eles são crianças. Então a lei protege nos direitos, mas não mostra os deveres, conheço criança que foi tirada da família porque era espancada, isso e aquilo. Levou-se para o abrigo, neste cheiram cola, fogem do abrigo, fazem pequenos furtos em volta da instituição. Então, sem criticar nenhum profissional, mas quando a Psicologia entrou na educação, quando o psicólogo entrou na sala de aula, perderam-se as rédeas, porque tudo tem problema.

Porque para o meu aluno que é da periferia, que o pai é pedreiro, que o pai está desempregado, tudo é proibido. Ele não pode ser alfabetizado pela cartilha porque traumatiza, não pode ser chamado à atenção porque traumatiza, não posso ensinar para as crianças de 4ª série o que é substantivo, adjetivo, porque bloqueia. Mas o filho do poderoso está na escola particular, onde se ensina pelo método tradicional, usa-se a cartilha “Caminho suave”, que é do meu tempo. Entrei na escola em 1969 e na 1ª série, estudei com a “Caminho suave”. As crianças de algumas escolas particulares estudam pela “Caminho suave”, ali está o filho da coordenadora pedagógica que fala para mim que não pode ensinar ba-be-bi-bo-bu, mas o filho dela aprende por esse método. A diretora, a supervisora, pode fazer uma pesquisa em Hortolândia e pergunta para esses profissionais como os filhos deles aprendem.

Entrevistadora: Todos por meio do método tradicional?

Professora: Exatamente. E o meu aluno vai ficar sem aprender, o sistema quer meu aluno à margem da sociedade, ele vai ser um marginalizado, o excluído. O que eu discordo, porque sei o valor que tem a educação, eu vivia à margem e a educação me tirou dessa margem, eu sou professora, mas nasci lá na periferia, aliás, moro na periferia até hoje. Passei boa parte da minha infância em favelas dos Campos Elíseos, Jardim Ieda e Santa Lúcia em Campinas. Fui embora para a Bahia, morava nas roças, casa de barro, caindo, quando chovia molhava tudo dentro de casa buscava água de rio, cozinhava na lenha e a educação me deu chance de hoje estar melhor. Então, acredito nisso, só que ao meu aluno não é dado esse direito, ao aluno de periferia. Quem me coordena, quem me dirige, quem me orienta pedagogicamente, diz que não posso fazer nada de bom para o meu aluno, porém os filhos deles estão nas escolas mais tradicionais.

E o meu aluno vai atrapalhar, né? A partir do momento que meu aluno sabe, tem condições de competir de igual para igual com o filho da minha diretora, ela não quer,

né? O filho dela precisa trabalhar, ganhar um bom salário, o meu aluno pode ser catador de latinhas, desempregado, virar marginal.

Entrevistadora: Então essas seriam as causas do fracasso escolar?

Professora: A dificuldade aqui está no pouco caso dos profissionais da educação, me coloco até um tanto com um pouco dessa responsabilidade.

Entrevistadora: Então a questão não se relaciona tanto à família, bairro, pobreza...

Professora: Pobreza, não concordo, porque a maioria dos pais coloca os filhos na escola, exatamente, para que saiam dessa pobreza. A família tem muita ausência? Tem sim, mas tem muita presença.

Entrevistadora: Na escola essas crianças poderiam...

Entrevistadora: Então a questão não se relaciona tanto à família, bairro, pobreza...

Professora: A escola poderia estar mandando elas para frente, dando verdadeira educação.

Entrevistadora: Muitos alunos aqui fazem reforço?

Professora: Sim, atividade paralela...Nessa sala posso dizer que tem 4 alunos que não precisariam de nenhum tipo de atividade paralela, ele caminha sozinho. Mas não tenho 4, tenho 33,esses 4, tudo que proponho eles fazem, sabem, aprendem, absorve, todos os demais precisam de atividade paralela.

Entrevistadora: Você falou que mora no bairro há muito tempo, talvez saiba: o presídio foi instalado quando?

Professora: Em meados da década de 90, não tenho certeza.

Entrevistadora: E a escola?

Professora: Nossa escola é do ano 2000, antes era no La Forteza, a crianças iam no La Forteza e tinha de 1ª à 4ª série. Essa escola é o La Forteza municipalizada, digamos assim. Mas a estadual foi instalada em 82, a La Forteza, a 1ª escola da região, o presídio vem muito tempo depois. Acho que uns 10, 12 anos depois.

Entrevistadora: Você tem problemas com a indisciplina?

Professora: Eu particularmente não tenho problema de indisciplina, esta eu trato com indisciplina também, se eles são indisciplinados, costumo ser mais que eles. Tem muita briga, são muito agressivos, são ignorantes, mas é por falta de orientação mesmo. Se estão brigando, xingando o outro, falam “Olha, meu bem não pode falar isso, que é feio, você é tão bonitinho”. Eles são mal orientados, e esse aluno é largado no canto da sala.

Entrevistadora: É naturalizado esse comportamento?

Professora: É, só que comigo não funciona assim “você é preto, meu filho, problema seu, não mandei você nascer preto, agora vamos estudar porque você precisa estudar para ser um preto decente”. Sou meio grossa nesse sentido, não tem aquela psicologização, para mim é psicologia da enganação, porque geralmente fica lá de canto, ninguém quer saber.

Entrevistadora: O aluno é excluído?

Professora: “Se quiser fazer faz, se não quiser não faz, não quer copiar não copia, problema dele, para o que ganho está bom demais, não vou esquentar minha cabeça, estou perto de me aposentar, tenho que esquentar a cabeça com meus filhos”. (Ironizando).

Eu não concordo, se estou aqui, tenho uma obrigação e vou levá-la até o fim. Vamos “quebrar o pau”, vai arrancar a folha do caderno e fazer de novo, vai sentar, ficar quieto até a hora que terminar.

Como vejo alguns profissionais? Muito preconceituoso essa coisa de presídio, isso pega muito, “Ah, é filho de bandido”. Não, aqui não tem filho de bandido, não são todos. “É um monte de drogado”. Aqui não tem só filho de drogado. Tem o filho do bandido sim, tem o filho do drogado sim, tem muito filho de mãe solteira sim, mas não tenho só isso e ele pode ser filho de bandido, mas é meu aluno, igual ao filho do prefeito se fosse meu aluno, não vou fazer nenhum tipo de discriminação. Tem aluno que é chato? Tem, falo para ele “Você é muito chato, por isso que tem hora que o pessoal pega no seu pé”. Tem a criança chata sim, porque dizem “Toda criança é bonitinha”, mentira, tem criança feia, chata, pegajosa, mas ele é meu aluno, independente da cor, do credo, da opção política. Aquele que todo mundo fala que é bonitinho, aquele que é feinho, não vejo qualquer diferença, não vejo mesmo, de coração, eu trato todos iguais.

Entrevistadora: Teria que se buscar estratégias para trabalhar com todos eles?

Professora: O professor precisa, na minha opinião, isso falo sempre e arrumo confusão nas reuniões, o professor é o maior incentivador da indisciplina na escola, quando trata o aluno com preconceito mesmo, não é nem aquele preconceito disfarçado, sempre o pior aluno é aquele mais negrinho.

Entrevistadora: O problema também estaria na formação do professor?

Professora: Do professor, se ele é evangélico, não facilita a vida do católico, se sabe que tem um espírita, coitado! Ele alega, fala em reunião que o menino é endemoniado, já ouvi isso de professor.

A maioria infelizmente ou felizmente, não sei, a maioria absoluta é evangélica, não é crente da Assembléia de Deus, nem da Batista, nem da Congregação, são aqueles evangélicos novos, a nova geração de evangélicos. Então ele critica o meu aluno, fala que a mãe é do mundo, que está endemoniado, já ouvi isso.

E aquele que é negro, ele é burro, bonitinha é só aquela menininha que tem o cabelo todo colorido, de preferência loira, os outros são tratados como escória, é o resto mesmo, ninguém valoriza.

Entrevistadora: É tratado de forma diferente?

Professora: Isso e falo sem medo de ser feliz, pode vir e observar, por exemplo tem o aluno Lucas. Falam “Ele é terrível você pegou o Lucas, nossa! Coitada! Está ferrada, minha filha, porque aquele menino, olha...” É assim, e aí o professor não olha o Lucas como seu aluno, olha como um menino.

Entrevistadora: O professor antes de conhecê-lo tem um estereótipo formado?

Professora: Exatamente e aí o relacionamento vai ser diferente, ninguém quer saber do Lucas, de dar aula para ele, o professor do ano anterior já fala, teve gente que foi falar no departamento, teve professor que assumiu a sala num dia, no outro ela foi lá e trocou de sala. Por que? Porque sabia que tinha uma criança chamada Lucas que era terrível. Gente! Conhece primeiro a figura, de repente tenho um tom de voz, um tratamento que vá fazê-lo melhorar o comportamento, ele nunca me deu trabalho, pegava firme com ele, do jeito que qualquer professor brigava com ele, eu brigava, ou até pior e ele nunca me desrespeitou.

Entrevistadora: Isso tem relação com a profecia auto realizadora do professor, na qual no início do ano este já determina que será aprovado ou reprovado.

Professora: Exatamente, ele fala “Esse vai reprovar porque é burro”. E isso acaba interferindo no meu trabalho, porque já vou olhar esse aqui, aquele ali, “Ah, não quer nada com a vida, deixa para lá”. Entram na sala de aula no primeiro dia, já sabendo como vai ser o último.

Entrevistadora: Já fez um mapeamento...

Professora: Fez um mapeamento sem conhecer cada um, porque cada um é um problema, tem aquele que é faltoso, “Por que você falta demais? Ah, porque é um vagabundo, preguiçoso, não gosta de vir à escola”. Mas deve ter algum problema em casa, tem que ajudar a mãe, tenho um aluno que está faltando, mas não vou encaminhar para o Conselho Tutelar, a mãe é soropositiva, então ele não é só vagabundo, ele não é só terrível, algumas coisas são cobradas dele e ele só tem 12 anos, com uma

responsabilidade de um homem de 30. Mas vêem assim: “Olha, tem uma criança na sala que é soropositiva, nossa! Me avisa que não quero nem chegar perto. Deus me livre! Aquelas crianças com piolho querendo me beijar, Deus me livre!”.

Eu sou uma piolhenta, assumida. Não porque a criança tem piolho que não vou chegar perto dela, já tive piolho também, se tiver um filho ele não vai ficar longe de pegar piolho também, entendeu? Então, o preconceito, a falta de postura de alguns profissionais, contribuem bastante para essa indisciplina e esse analfabetismo que o Brasil apresenta hoje. Essas crianças são analfabetas funcionais, lêem, mas não estão alfabetizadas.

Entrevistadora: Você gostaria de falar mais alguma coisa que acredita ser importante com relação ao fracasso escolar?

Professora: Eu culpo muito, ainda ontem a gente discutiu isso, tem professor que não gosta que fala, acho assim, quando chegou esse negócio de construtivismo, também foi mal interpretado, o professor que leu a questão do construtivismo, interpretou mal. Quando estudei era Emília Ferreiro, a quente, tem que aplicar a teoria piagetiana. Mas Piaget era médico, não era pedagogo. Tudo bem posso pegar aquilo que a Medicina mostrou e aplicar com a Pedagogia sim, não é isso, mas falando assim “Olha, você tem que trabalhar Piaget”. Não existe trabalhar Piaget, nós temos Paulo Freire, tudo é Paulo Freire, olha que coisa bonita (aponta para agenda, na qual está escrito: Centro de formação Paulo Freire, local onde são oferecidos cursos, palestras e oficinas aos professores da rede de Hortolândia), textinho de Paulo Freire, mas aplicar a pedagogia de Paulo Freire na sala de aula, ninguém quer, ninguém aplica.

Então vem o construtivismo, que é lido, interpretado, aplicado de qualquer maneira, começa por aí. Não que esteja certo ou errado, não que só o tradicional é bom, mas o construtivismo do jeito que está colocado na sala de aula, está errado, é um pouquinho disso.

O sistema contribui. A nova Lei de Diretrizes e Bases foi mal interpretada pelo professor e entendeu que o aluno não pode mais repetir de ano. Trabalhamos por ciclo, só que na prática é série. Então tem que dar conteúdo de 4ª série, porém eles estão com defasagem da 1ª, mas não posso trabalhar como na 1ª série.

(Interrupção)

Então é um bloco mal interpretado, mal lido, mal estudado, ninguém pesquisou, pegou a apostila pronta, leu e me entregou. Aí vem os Parâmetros Curriculares. A coordenadora fala “Você tem que trabalhar PCN”. Mas o próprio nome já diz é um parâmetro, uma

idéia, uma base, um norte. Mas o que é PCN? Ela disse “Parâmetros Curriculares Nacionais”. Então falei “Desculpa, formulei mal a pergunta, o que é parâmetro?”. Então o professor não sabe nem o significado da palavra parâmetro, e manda trabalhar o PCN, como se este fosse um livro, uma cartilha, uma bíblia. É uma idéia, no final da série o aluno tem que estar isso e isso, mas não falam o que eu vou trabalhar para o aluno chegar nisso, então dão curso de PCN, tudo mal lido e mal interpretado.

Devido à indisponibilidade dos pais/responsáveis em concederem a entrevista como foi previsto, entregou-se um questionário para que os mesmos respondessem. Segue adiante:

Responsável por aluno da 1ª série

✓ O aluno apresenta dificuldades de aprendizagem.

- Qual a importância da escola?

A escola é importante para que as pessoas possam desenvolver seus conhecimentos e assim poder se tornar um cidadão consciente e uma pessoa bem orientada.

- Mora em qual bairro? Há quanto tempo?

Moro no bairro Jardim Nova América, há 10 anos.

- É natural de qual Estado?

Paraná.

- Quantas pessoas compõem o grupo familiar?

Seis pessoas.

- Os pais/responsáveis pelo aluno trabalham fora?

Sim.

- Quais seriam as causas das dificuldades de aprendizagem das crianças?

A leitura.

- Costuma participar da reunião de pais? Qual a importância desta na vida escolar do filho?

Costumo, a reunião é importante para que se possa estar integrado na vida escolar do meu filho.

- A família comparece a escola quando solicitada?

Sim.

- Qual o grau de escolaridade da família?

A mãe estudou até a 3ª série do ensino fundamental e o pai até a 4ª série.

- A criança apresenta algum problema de saúde?

Não.

Responsável por aluno da 1ª série

- ✓ Considerado bom aluno

- Qual a importância da escola?

No desenvolvimento da criança, com a leitura, a escrita e a matemática, ser um lugar onde a criança se sinta bem e protegida, respeitando o professor, funcionários e demais.

- Mora em qual bairro? Há quanto tempo?

Moro no bairro Jardim Novo Angulo, há 2 anos e 5 meses.

- É natural de qual Estado?

Do estado de São Paulo.

- Quantas pessoas compõem o grupo familiar?

Somos em quatro pessoas.

- Os pais/responsáveis pelo aluno trabalham fora?

Somente meu esposo trabalha fora.

- Costuma ajudar o aluno na realização das atividades escolares, como a lição de casa?

Sim, ajudo.

- Quais seriam as causas das dificuldades de aprendizagem das crianças?

Falta de atenção na aula, pais não presentes, crianças com dificuldades com lição de casa.

- Costuma participar da reunião de pais? Qual a importância desta na vida escolar do filho?

Sim, para saber como está o desenvolvimento da criança e se ela consegue acompanhar o objetivo de sua professora.

- A família comparece a escola quando solicitada?

Sim.

- Qual o grau de escolaridade da família?

Temos o 2º grau completo.

- A criança apresenta algum problema de saúde?

Não.

- O que poderia ser feito para que diminuíssem dificuldades de aprendizagem existentes?

Alguns professores poderiam levar para a classe coisas que chamassem a atenção do aluno, como materiais didáticos e pedagógicos, estimulando a leitura, a matemática, etc. Sei que é difícil, porque temos políticos corruptos que desviam as verbas destinadas para a educação.

Responsável por aluno da 4ª série

- ✓ O aluno apresenta dificuldades de aprendizagem

- Qual a importância da escola?

Dar uma boa educação.

- Mora em qual bairro? Há quanto tempo?

Moro no bairro Jardim Nova América, há 8 anos.

- É natural de qual Estado? Por qual motivo mudaram?

Do estado de São Paulo, mudamos por falta de emprego.

- Quantas pessoas compõem o grupo familiar?

Somos em quatro pessoas.

- Os pais/responsáveis pelo aluno trabalham fora?

Trabalhamos.

- Costuma ajudar o aluno na realização das atividades escolares, como a lição de casa?

Às vezes, quando sabemos.

- Quais seriam as causas das dificuldades de aprendizagem das crianças?

Meu filho tem dificuldade em aprender letra de mão.

- Costuma participar da reunião de pais? Qual a importância desta na vida escolar do filho?

Eu trabalho, porém vou de vez em quando.

- A família comparece a escola quando solicitada?

Sim.

- Qual o grau de escolaridade da família?

Fiz até a 4ª série.

- A criança apresenta algum problema de saúde?

Não.

- O que poderia ser feito para que diminuíssem dificuldades de aprendizagem existentes?

Fazer ele treinar letra de mão em casa.

Responsável por aluno da 4ª série

- ✓ Considerado bom aluno

- Qual a importância da escola?

A escola é importante na aprendizagem de nossos filhos, para o conhecimento e convivência.

- Mora em qual bairro? Há quanto tempo?

Moro no bairro Jardim Nova América, há 2 anos e meio.

- É natural de qual Estado? Por qual motivo mudaram?

- Considerado bom aluno, tem 6 anos de idade.

Entrevistadora: Gosta de vir à escola? Por quê?

Aluno: Sim, porque na escola aprende muito e se falta não aprende. Tem gente que bagunça e não deixa a gente ficar quieto.

Entrevistadora: O que gosta na escola?

Aluno: Ler e escrever e comer a merenda.

Entrevistadora: O que não gosta?

Aluno: Fazer bagunça.

Entrevistadora: O que mudaria na escola para melhorá-la?

Aluno: Por câmara para não ter bagunça, fazer escola mais grande.

Entrevistadora: Já sabe ler e escrever?

Aluno: Sim.

Entrevistadora: Quando entrou na 1ª na série já sabia ou não?

Aluno: Antes da 1ª já sabia.

Entrevistadora: Seus pais te ajudam nas atividades da escola?

Aluno: Ajuda.

Entrevistadora: Quem ajuda?

Aluno: Minha mãe.

Entrevistadora: Tem alguma dificuldade para aprender?

Aluno: Não.

Entrevistadora: Como comporta-se em sala de aula, conversa, a professora já ficou brava com você?

Aluno: Às vezes, porque tem gente que enche o saco, fica chamando.

Entrevistadora: Tem um bom relacionamento com a professora (gosta dela)? E com os colegas?

Aluno: Tem uma aluna que fica conversando, gritando no meu ouvido e não me deixa ficar quieto.

Entrevistadora: E com a professora, gosta dela?

Aluno: Gosto.

- Apresenta dificuldades de aprendizagem, tem 7 anos de idade.

Entrevistadora: Gosta de vir à escola? Por quê?

Aluno: Sim, porque na escola aprende e se bagunçar a professora briga, se faltar a gente fica burra.

Entrevistadora: O que gosta na escola?

Aluno: Comer e escrever.

Entrevistadora: O que não gosta?

Aluno: A bagunça, bater nos outros, gritar na sala.

Entrevistadora: O que mudaria na escola para melhorá-la?

Aluno: Gritava, mandaria para diretoria.

Entrevistadora: O que mais gosta de fazer na escola?

Aluno: Lição, estudar, ler e brincar.

Entrevistadora: É importante saber ler e escrever??

Aluno: Sim, para não ficar burro, se for no bar comprar, alguém pode dar o troco errado.

Entrevistadora: E se estudar, você saberá se o troco está errado ou não?

Aluno: É.

Entrevistadora: Seus pais te ajudam nas atividades da escola?

Aluno: Mais ou menos.

Entrevistadora: Quem ajuda?

Aluno: Minha irmã.

Entrevistadora: Tem alguma dificuldade para aprender?

Aluno: Um pouco.

Entrevistadora: Como comporta-se em sala de aula, conversa, a professora já ficou brava com você?

Aluno: Não.

Alunos da 4ª série

- Considerado bom aluno, tem 10 anos de idade.

Entrevistadora: Gosta de vir à escola? Por quê?

Aluno: Gosto, porque gosto de estudar.

Entrevistadora: O que gosta na escola?

Aluno: Dos meus amigos.

Entrevistadora: O que não gosta?

Aluno: Nada.

Entrevistadora: O que mudaria na escola para melhorá-la?

Aluno: Mandaria convocação e expulsaria.

Entrevistadora: Seus pais te ajudam nas atividades da escola?

Aluno: Ajuda.

Entrevistadora: Quem ajuda?

Aluno: Minha mãe, ela olha meu caderno todos os dias.

Entrevistadora: Tem alguma dificuldade para aprender?

Aluno: Não.

Entrevistadora: Por que alguns alunos ainda não sabem ler e escrever?

Aluno: É falta de vontade, por exemplo, minha professora pediu para o José que não sabia ler e escrever, ir na minha casa para eu ajudar ele, mas ele foi duas ou três vezes e não foi mais.

Entrevistadora: É importante saber ler e escrever? Por quê?

Aluno: Sim, porque pode ter sérios problemas para encontrar trabalho, por exemplo minha vó. Ela não sabia ler e escrever e só arrumava emprego de empregada doméstica e estudou e conseguiu emprego no restaurante.

Entrevistadora: Tem um bom relacionamento com a professora (gosta dela)? E com os colegas?

Aluno: Com a professora sim, tive um problema com a Fernanda, ele não era minha amiga e ficava inventando fofoca para minhas amigas.

Entrevistadora: E agora? Resolveu este problema?

Aluno: Resolveu. A minha professora conversou com a gente e agora ela é minha amiga e não fica mais inventando fofoca.

- Apresenta dificuldades de aprendizagem, tem 11 anos de idade.

Entrevistadora: Gosta de vir à escola?

Aluno: Mais ou menos.

Entrevistadora: Por quê?

Aluno: Não gosto de levantar cedo.

Entrevistadora: O que gosta na escola?

Aluno: Matemática, história e educação física

Entrevistadora: O que não gosta?

Aluno: Da comida.

Entrevistadora: O que mudaria na escola para melhorá-la?

Aluno: A quadra.

Entrevistadora: O que mudaria na quadra?

Aluno: Colocaria cobertura na quadra.

Entrevistadora: Seus pais te ajudam nas atividades da escola?

Aluno: Não.

Entrevistadora: Tem alguma dificuldade para aprender?

Aluno: Sim.

Entrevistadora: O que estaria te impedindo de aprender?

Aluno: Não sei.

Entrevistadora: É importante saber ler e escrever? Por quê?

Aluno: Sim, porque quem não sabe ler e escrever não tem trabalho, não vai ser alguém na vida.

Entrevistadora: Como comporta-se em sala de aula, conversa, a professora já ficou brava com você?

Aluno: Converso um pouco, mas os outros também mexem comigo.

